POLA OBJECÇOM FISCAL 5

Mais de 10 por cento dos orçamentos do Estado vam para gastos militares e controlo social. A campanha pola objecçom fiscal pretende evitar que financiemos as suas guerras com os nossos impostos.

GARZÓN, O IMPOSTOR 21

O magistrado estrela da progressia é considerado polos seus companheiros um nefasto instructor. O mesmo que perseguiu as torturas na América Latina é responsável polo ocultamento das mesmas práticas no Estado.

NÚMERO 90 | 15 DE MAIO A 15 DE JUNHO DE 2010 | 1,20 €

"A Ordenança Cívica de Lugo visa controlar qualquer actividade pública que nom seja circular ou consumir"

SANTIAGO QUIROGA, activista social lucense
Pág. 6

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

PRECARIZAÇOM E PRIVATIZAÇOM PROGRESSIVA DO TECIDO ASSISTENCIAL

JUNTA PROMOVE ASSALTO DAS EMPRESAS AOS SERVIÇOS PÚBLICOS

O ensino e a saúde som os sectores com que o governo de Feijóo mais está a experimentar para reduzir o peso da gestom pública, aplicando todo o tipo de fórmulas. Na saúde, o financiamento privado é usado para a construçom e gestom das instalaçons sanitárias e no ensino o orçamento destinado aos centros concertados chega já a 10%. Porém, nom som os únicos ramos afectados por esta voragem privatizadora de Sam Caetano, sob pretexto da reduçom do défice: também o sector agrícola, o pecuário ou o de extinçom de incêndios sofrerám severos cortes. Em todos os casos, a precarizaçom do pessoal trabalhador e dos serviços assistenciais é a norma que interesseiramente pretende favorecer Feijóo para justificar mais privatizaçons no futuro. / PÁG. 17

Futuro da língua em tempo de crise

17-M: A ofensiva de Feijóo abre novos caminhos para a recuperaçom do idioma a partir da activaçom social / PÁGS. 4 e 20

NEOLIBERALISMO IMPOM DIRECTRIZES

Reforma do PSOE contra direitos laborais

Apesar de assegurar em várias ocasions que os trabalhadores nom iam perder direitos com umha reforma laboral, o presidente do Governo espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero, apresentou no mês de Abril um documento no que aposta pola precarizaçom do mundo do trabalho. Assim, entre outras medidas aposta no abaratamento do despido ou a expansom das ETT's no emprego público. Desta maneira, o Executivo 'socialista' cede às pressons do patronato e do Banco de Espanha e rompe assim melhorias laborais conquistadas pola luita operária desde há anos. A crise, pagada polos de sempre. / PÁG. 10

MENOS DE 1 POR CENTO DO FUEL FOI RECICLADO

Fraude no tratamento de resíduos do Prestige

O petróleo representa apenas 1 por cento dos resíduos procedentes do Prestige que fórom tratados. O processo de reciclagem -que custou mais de vinte e cinco milhons de euros- só chegou a recuperar 482 toneladas de 'chapapote' das dezenas de milhares que verteu um barco que portava 77.000 toneladas. Metade dos resíduos processados fôrom basicamente água e areia. Empresas e instituiçons jogárom à confusom com os dados referentes à quantidade de restos recolhidos, enquanto uns poucos se lucravam com dinheiro público / PÁG. 16

OPINIOM

INDEPENDENTISMO E TRABALHO CONJUNTO por Joám Peres / 3

INCLASSIFICÁVEIS por Isabel Rei Sanmartim / 3

BEIRAS: VAI-TE DO BNG por Xan Carlos Ánsia / 28

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

BARULHO ALIMENTAR
Erica do Cabo analisa as conseqüências da industrializaçom da alimentaçom, alterando gravemente o equilíbrio humano

O SUL, POR XIANA ÁRIAS
Conto inédito da jornalista e escritora da Fonsagrada. Relato dialogado à volta da raiva contida na juventude de hoje.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou estractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

A DECEPÇOM DA REVOLTA

Nom era isto que nos motivou a luitar em 69 e que nos moveu depois durante a mal chamada Transiçom democrática.

Há quem defina em. língua o adjectivo "desqualificativo" quando se pom umha 'apostila' a um valor positivo. Neste caso, democracia. A de Franco chamava-se democracia orgánica. Este último termo desqualificava a palavra democracia. Rebaixava-a e ridicularizava-a. No caso da Transiçom, estamos a ver como esta é agora a palavra que se mostra como desqualificativa.

Perante o terror instalado no Franquismo, nom houvo umha ruptura. Houvo umha concessom, um submetimento, porque havia que entrar na Europa e era necessário lavar a cara do país. Eu nom julgo que aquilo fosse modélico. Nom o julgávamos tampouco na altura. Era simplesmente o reconhecimento de que as forças fácticas do país (Igreja, militares, 'direitona') nom deviam ser incomodadas. Durante os 40 anos de Franquismo, de fascismo, as forças da direita tivérom tempo de se instalar e 'enquistar' na estrutura económica e social de Espanha. Nisso a Galiza nom foi umha excepçom, mas tampouco um expoente, como nos querem fazer crer. A vermelha Valência, a livre Madrid, caírom sem trégua nos braços da direita corrupta e acostumada a fazer os seus negócios em "família".

Em Espanha nom curárom as feridas do terror Franquista, da Guerra Civil e do pós-guerra que, calada e teimosamente, foi desencorajando a vontade de resistência da maioria do povo.

As feridas mal curadas acabam por rebentar. Ou fam pus ou infectam todo o corpo. Isto é o que me parece que está a acontecer na generalidade desta Espanha corrupta e sem valores morais em que vivemos. Porque nom fôrom curadas as feridas da cruel guerra provocada polo levantamento fascista contra a legalidade republicana.

Os acusados berram tam forte que só eles som ouvidos, e as vítimas ficam sem voz para se queixarem. Cremos que estamos num Estado de Direito e como tal agimos. Mas, sempre que os poderosos, 'enquistados' na trama social, nom sejam incomodados.

O caso contra o juiz Garzón nom é umha questom de jurisprudência. É umha questom moral. Muitas veces há cousas que som legais, mas nom morais. Nesses casos a justiça deveria rever os seus instrumentos de trabalho. As normas morais som as que definem a escala de valores de umha sociedade de maneira que permitam o convívio, em que as diferenças entre os seus elementos podam ser arranjadas de modo pacífico.

Hoje assistimos atónitas (eu pelo menos) à implacável exigência dos agressores para que as suas vítimas nom podam sequer ser reconhecidas como tais.

A lei da Memória Histórica ficou 'em papel molhado' perante o poder da Falange Espanhola. Algo mui grave e vergonhoso devem ter que ocultar para provocar o barulho que montárom. Eles sabem isso. Porque há umha moral natural que está acima de qualquer norma jurídica ou de qualquer armadilha legal que prime o "procedimento" sobre o sentido comum ou a verdade esmagadora dos factos. Sabem que matárom, que sementárom o terror, que roubárom meninhos, que fôrom buscar de noite e pola calada gente boa e generosa para a deixarem atirada numha sarjeta ou para a submeterem a simulacros de julgamentos fazendo burla da justiça. Sabem que muitos padres benzêrom estes actos e que muitos militares olhárom para outro lado. Nom nos serve, neste caso, o "e tu mais", porque uns tivérom 40 anos de glória e outros 75 anos de esquecimento e de vergonha. Na Galiza nom. Cá só passearam os falangistas, instaurando-se, desde o primeiro momento, o terror da retaguarda. Agora Feijoo proíbe abrir mais fossas em que estava previsto actuar. Todo fica paralisado polo ataque ao juiz Garzón. O poder é implacável. Franco nom admitiu rendiçom para nom dar nengum reconhecimento ao Governo da República. A derrota tinha que ser total, ainda que um país ficasse empobrecido de bens e de cérebros. Eles continuam na mesma tónica. Nom nos deixemos adormecer por placebos televisivos . Devemos identificar o mal para poder vencê-lo com as armas do pacifismo e da inteligência. Tiremos a vantagem de estarmos na Europa para evitar voltarmos a cair noutra "longa noite de pedra". Os Direitos Humanos estám por cima de qualquer outra norma legal. Se as leis que criaram os humanos nom servem, reformam-se ou fam-se outras. Mas o moral nom deve ficar rebaixado polo "legal".

Adela Figueroa (Lugo)

HUMOR PESTINHO+1

EDITORIAL

Crise e paz social

No imaginário comum do independentismo e a esquerda, o "quanto pior, pior" instalou-se sem matizes. Três décadas de agressons sociais continuadas culminárom numha populaçom desarticulada, umha resignaçom inamovível e um deterioramento implacável das consciências e a linguagem. Os gestores da desfeita nom precisavam nem de argumentos mui elaborados para sobreviverem, ano após ano, à precarizaçom do trabalho, à desfeita da terra ou o devalar do idioma. Por isso, e com honrosas excepçons do movimento social, autênticos contrapontos na passividade aceite, a crença num poço sem fundo onde escorregavam as causas populares paralisou braços e cabeças. Este cepticismo pudo ajudar à superaçom da euforia infantil de tantas esquerdas, adoito fascinadas por conjunturas momentáneas e abocadas logo a um ciclo maníaco-depressivo bem difícil de assumir. Contodo, o desalento sempre alimentou ao cabo a desmobilizaçom, a insensibilidade e a tolerância com os contextos mais penosos.

Submidos numha das fochancas que a crise nos prepara, dito cepticismo pode e deve ser convenientemente matizado. As reformas antipopulares com que os governos compensam o resgate das finanças nom tenhem nengum precedente próximo; os lumes da Grécia chamam a atençom da Europa e -singularidades nacionais à margem- trazem à memória colectiva estouridos mais próximos; sobretodo, reina nas gentes a convicçom de as novas geraçons irem padecer um futuro mais duro e lamentável que os seus pais. Do trabalho à saúde física e mental, passando polo meio ambiente ou a categoria moral da casta política, todo parece mergulhar num devalo irreversível.

Se o movimento social, e em geral todos os ámbitos da auto-organizaçom popular, quigerem evitar umha saída colectiva na barbárie, entom terám que formular pacientemente um horizonte radicalmente diferente. Tarefa prática que nom congenia com os chamamentos à paz social, o sufoco institucional das luitas, ou a crença mítica num capitalismo imortal que se refunda a cada crise.

EDITORA
Minho Media S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇOM
Carlos Calvo, David Canto, Iván García, Aarón L. Rivas, Antia Rodríguez, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Antom Santos, Alonso Vidal, Paulo Vilasenin

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas, **Economia:** Aarón L. Rivas, **Agro:** Paulo Vilasenin e Jéssica Rei, **Mar:** Afonso Dieste, **Meios:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca, **Treme a Terra:** Duarte Ferrín, **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto, **Povos:** Maurício Castro, **Dito e Feito:** Olga Romasanta, **A Denúncia:** Iván García, **Cultura:** Antia Rguez., **Saúde / Ciência / A Rede:** David Canto, **Desportos:** A. Santos, X. Viluba e Ismael Saborido, **Sexualidade:** Beatriz Santos, **Consumir Menos, Viver Melhor:** Toni Lodeiro, **Agenda:** Irene Cancelas, **A Foto:** Sole Rei, **Terra / Que Foi De...:** Alonso Vidal, **Tempos Modernos / Em Tempos:** Carlos Calvo, **A Galiza Natural:** João Aveledo, **Gastronomia:** Luzia Rodrigues, **Língua Nacional:** Valentim R. Fagim, **Criaçom:** Patrícia Janeiro e Alonso Vidal, **Cinema:** Francesco Traficante, Xurxo Chirro.

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Manuel Pintor, Helena Irímia, Carlos Barros

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Natália Gonçalves, Zélia Garcia

ADMINISTRAÇOM
Irene Cancelas Sánchez

LOGÍSTICA
José Viana e Daniel R. Cao

IMAGEM CORPORATIVA: Miguel Garcia

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Franjo Padín

CORRECÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo S. Maragoto, Fernando V. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero (A Revista)

COLABORAM NESTE NÚMERO
Joám Peres, Isabel Rei, Xavier Rodrigues Fidalgo, Isaac Lourido, Celso A. Cáccamo, Santiago Moronho, Concha Rgues. Peres, Xan Carlos Ánsia, Rubén Melide, Erica do Cabo, Xiana Árias, Natália Gonçalves

FECHO DE EDIÇOM: 14/05/2010

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

Independentismo e trabalho conjunto

Joám Peres

Parto neste artigo da ideia-força unanimemente admitida no universo independentista galego sobre a necessidade de articular a médio prazo um projecto político superador da atomizaçom actual, com vocaçom de massas, disposiçom para jogar um papel destacado nas luitas quotidianas do País e enquadrado no movimento e a estratégia de libertaçom nacional. Esta premissa complementa-se com outra subordinada: a reestruturaçom proposta é inviável a partir do esforço solitário de umha das fracçons ou correntes independentistas. Tomando estas ideias como guia, tentarei esboçar certos elementos que acho imprescindíveis para avançar na direcçom apontada:

1º 'Unir o independentismo' e 'somar as siglas' som estratégias diferentes. Devemos superar a ideia da 'unidade' como pacto superestrutural e burocrático entre formaçons constituídas e substituí-la por outra que ponha o acento na praxe, como processo dinámico que se corrobora, revalida e alarga na acçom diária, que se materializa com factos em frentes de intervençom diversas, imbricando agentes políticos e sociais, misturando o debate táctico com a criaçom de confiança e coesom subjectiva e construindo as condiçons que fagam do salto para um hipotético Projecto Comum a lógica conseqüência final de desenvolvimentos prévios. Neste quadro, o papel das fracçons organizadas é fornecer militantes, disciplina, ideias e recursos às dinámicas a activar e garantir a sua estabilidade e capacidade de acumulaçom.

> Devemos superar a ideia da 'unidade' como pacto entre formaçons e substituí-la por outra que ponha o acento na praxe diária

2º O Trabalho Conjunto sobre reptos e estratégias acordadas em comum é o terreno onde verificar as vontades construtivas e gerar a coesom subjectiva que permite avançar. Abrir linhas de acçom conjunta na defesa da Terra, a língua, a acçom política e sindical, a juventude, os meios, etc., serviria para articular um abano de defesas efectivas do País e gerar as condiçons que permitam imaginar o salto para a construçom de um Projecto Comum. Hoje, a unidade na acçom é o substitutivo útil e necessário, ainda que transitório, desse projecto, à vez que pom à prova e preanuncia as bases para a sua existência.

3º É absurdo exigir um posicionamento normativo único como condiçom imprescindível para partilhar reptos e projectos, porque impossibilita qualquer intervençom conjunta e sabota a acçom coordenada dos e das partidárias da hegemonia social do galego e a superaçom do quadro legal que a impede. Urge pois estudar e aplicar fórmulas como o reconhecimento mútuo, a convivência normativa, a estratégia gradual, a modulaçom do emprego das normas, a 'via norueguesa', etc., para neutralizar os efeitos destrutivos deste debate no campo político e lingüístico. O *conflito normativo* deve deixar de ser a coarctada para esquivar acordos urgentes em chave de País.

4º Subjectividade. Qualquer intervençom política e social partilhada entre independentistas que se inicie submetida a climas de trabalho marcados pola desconfiança, as pulsons canibais e os interesses de capela está condenada a fracassar. Tal premissa, que deveria presidir qualquer estratégia de compactaçom, situa-nos perante o repto de superar ou desactivar as desavenças, incomunicaçons e prevençons que regem as relaçons entre fracçons até o presente e condicionam a evoluçom do independentismo. Assim o exigem a gravidade da situaçom, a necessidade de construir instrumentos colectivos para enfrentá-la e um elementar sentido patriótico.

5º Direcçom. O universo independentista carece hoje de estratégia comum e direcçom legitimada por umha maioria. Ambas som necessárias e só serám o fruto da elaboraçom colectiva surgida da própria luita e da síntese de perspectivas e achegas. Assim, qualquer pretensom de impor 'vanguardas por decreto' aos processos em curso implicaria introduzir neles elementos de força inaceitáveis dos quais estes se deveriam desembaraçar.

Som cinco premissas elementares que, com os nortes de acumular forças e recompor organizativamente o movimento, permitiriam começar a desbloquear a esgotada dialéctica actual e construir novos cenários com muitas mais potencialidades que o presente.

Joám Peres é militante independentista

Inclassificáveis

Isabel Rei Sanmartim

O galego não é português. Isso constatamos Concha Rousia e mais eu quando ao chegarmos a Brasília para participar na Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, organizada o passado mês de abril pela Comunidade de Países de Língua Portuguesa, vimos que teríamos de nos comunicar com pessoas de quatro continentes.

E também foi assim no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e depois na Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro, e finalmente em Santa Catarina, estado do sul do Brasil onde passamos vários dias participando nos Colóquios da Lusofonia e na apresentação do Instituto Cultural Brasil-Galiza junto do académico Joám Evans Pim.

Como Alice no buraco do coelho, as duas enfiamos por aquele universo multicultural onde a toda hora a mesma palavra era pronunciada de muitas maneiras. De repente e sem ajuda de nenhum decreto trilinguista estávamos participando em conversas com mais de oito línguas diferentes tais como o angolano, o timorense, o moçambicano, o riojaneirense, o paulistano, o catarinense, o português, mas sobretudo o galego, a nossa língua de sempre.

A cousa semelhava um enorme Babel, ainda que bastante imperfeito porque a intercompreensão era ótima. E não somente isso, senão que o galego, essa «língua-de-seu-diferente-do-português», soava alto e claro nos salões do palácio Itamaraty, no auditório da sede da Academia Brasileira, no Teatro Pedro Ivo de Florianópolis ou na sala de entrada do Instituto Federal de Santa Catarina. E era mais forte a nossa voz quanto mais ouvida era, e virava mais galega quanto mais compreendida por pessoas não galegas.

> Que português, que galego, o que? Que lindos os sotaques, que riqueza a da nossa língua pelo mundo

Sermos entendidas na comunicação oral foi uma satisfação imensa. Também o foi comprovar que os assuntos da Galiza são de interesse no Brasil. Donde é que nós vínhamos? A nossa língua portuguesa era bem curiosa, comentavam. Parecia-lhes um português inclassificável, que não pertencia a nenhum dos países lusófonos conhecidos.

Acho que foi uma grande surpresa para os africanos. Eles, para além de manterem as suas línguas africanas, adotaram a portuguesa como língua franca dentro dos seus países e para as necessárias relações internacionais. Muitos por primeira vez ouviam e entendiam àquelas mulheres vindas de não se sabe que parte da Europa, mas não de Portugal, a defender com aquele sotaque a língua da sua terra que elas chamavam indiferentemente de galego ou língua portuguesa.

Porém para os brasileiros era uma rotina. Reconhecer a sua língua sob a maquiagem dos diferentes sotaques é costume nacional, entra dentro das suas tradições, sejam os falantes da Galiza ou da China. Num país que é quase meio continente, onde moram mais libaneses que no Líbano, a comunicação com índios, mestiços, mulatos, cafuzos, italogermanos, pardos, tapuias, tupinamboclos, americataís, portugalegos e yorubárbaros está na ementa diária e todos conseguem entender-se em língua portuguesa.

Conhecendo o Brasil fica muito pobre o mito de uma língua, um país. Agora sabemos que galegos e guaranis, índios da Europa e da América, podemos comunicar-nos em língua portuguesa. Aqueles que ainda não aprenderam têm só de apressar um pouco o passo, que o mundo lá fora aguarda ver-nos chegar alegres e lançais, gaiteiros e violonistas, confiantes e certos, na frente uma estrela e no bico um cantar.

Somos o que somos, diz Arnaldo Antunes: inclassificáveis. Que brasileiro, que português, que galego, o que? Que lindos os sotaques, que riqueza exuberante a da nossa língua pelo mundo adiante em bocas de todas as cores e tamanhos. Que traço de união fascinante entre culturas diversas espalhadas por meio planeta.

A independência, a maior liberdade, a consciência de não haver barreiras, está dentro de nós. Somos nós a crescer quando nos misturamos com quem a nossa voz entende. E nesse conhecimento e reconhecimento mútuo medramos, como Alice, sem deixar de ser os de sempre, as de sempre.

Às moças e moços do Félix Muriel de Rianjo

Isabel Rei é integrante da Academia Galega da Língua Portuguesa

ACONTECE

DEZOITO MIL TOXICODEPENDENTES SEM ASSISTÊNCIA

A Junta ainda nom renovou os convénios com os municípios para prestar assistência a mais de dezoito mil toxicodependentes. Estes prescrevêrom no passado mês de Dezembro e nos dias de hoje Sanidade ainda nom manifestou vontade para mantê-los.

SEAGA CONTRATA OBRAS SEM PUBLICIDADE

A empresa pública Seaga adjudicou num mês 15 contratos polo procedimento negociado sem publicidade por valor de um total de 2,25 milhons para realizar obras nas suas sedes. A maior parte som habituais adjudicatárias do PP.

Intensificam-se as iniciativas em defesa do idioma perante um histórico 17 de Maio

4.530 docentes adquirem o compromisso de continuar a dar as aulas em galego

NGZ / A resposta popular frente ao decreto do galego no ensino e a política lingüística da Junta fai prever umha mobilizaçom histórica para o próximo dia 17 de Maio em Compostela, que terá um marcado carácter reivindicativo e servirá para medir a força social em defesa do idioma. Com o slogan 'O galego, o nosso existir' a plataforma Queremos Galego fijo um chamamento à cidadania para "visualizar e fortalecer a unidade social existente neste momento, da qual só se autoexlui o PP", conforme indicou o seu porta-voz Carlos Callón na conferência de imprensa de apresentaçom da convocatória.

A AGAL apoiou a convocatória e vários centros sociais chamam a formar um bloco larança polo reintegracionismo e o monolingüísmo.

Por parte do soberanismo Causa Galiza emitiu um comunicado em defesa do monolingüísmo social e a soberania nacional, reclamando a superaçom do quadro jurídico-político. A FPG, o Movimento pola Base e o Espaço Irmandinho figérom público um outro texto chamando à desobediência contra o decreto e reinvindicando a independência.

Maio está a consolidar-se como o mês que centra as reinvindicaçons lingüísticas, destacando-se polo volume de actividades com um eixo comum ao longo da geografia nacional. Em Ginzo de Límia o BNG e Galiza Nova organizam um festival musical no dia 14 de Maio, enquanto em Ferrol é Artábria a entidade que prepara umha jornada lúdico-reivindicativa no mesmo dia, com cortejos nas ruas e um concerto com cinco bandas. Também no dia 14 a mocidade da associaçom vicinal de Lavadores organiza um concerto com música tradicional e contemporánea na sede do colectivo. No dia a seguir, a Revira de Ponte Vedra prepara umha Festa da Língua com actividades ao longo do dia e também música à noite. No 15, a Almuinha de Marim organiza no seu centro social umha outra celebraçom polo idioma. Em Compostela, a Gentalha do Pichel prepara a sua já habitual 'Festa do Dezassete' para o mesmo dia 15, com actividades simultáneas ao longo da tarde para todos os públicos em diferentes pontos da cidade e concerto à noitinha. Nesta mesma cidade o Centro Social Henriqueta Outeiro aproveitará a data da manifestaçom nacional para realizar um jantar nas suas instalaçons.

O ensino continua a mover-se

O dia 12 de Maio foi a data escolhida pola Mocidade pola Língua para convocar paralisaçons e mobilizaçons nas cidades de Compostela, Vigo, Ponte Vedra, Ourense e Lugo, fazendo um chamamento à "desobediência firme, consciente e activa contra o decreto do PP, tanto do alunado como do professorado".

Por sua vez, Queremos Galego conseguiu que 4.530 professores e professoras se comprometessem a continuar a dar as suas aulas em galego, desafiando a proibiçom que acarretou o 'decretazo' para umha parte deste sector do ensino. A campanha 'Dou e darei as aulas em galego' apela à insubmissom do professorado para exigir da Junta umha volta atrás nas políticas lingüísticas para a educaçom.

ACTIVISMO

Língua e críticas à Igreja em campanhas feministas

NGZ / No 17 de Maio as Mulheres Nacionalistas Galegas reivindicarám umha linguagem nom sexista. Com a campanha intitulada "A nossa língua também tem género" pretendem que a sociedade tome consciência de que "a língua fecha umha determinada concepçom do mundo e com ela transmite-se grande parte da forma de pensar". Segundo declaram, "o feminismo vê a necessidade de novas palavras e definiçons, sem as conotaçons com que o patriarcado as revestiu". Sairám das Marias da Alameda compostelana às 11h00 da manhá.

Maio foi também o mês escolhido pola Rede Feminista Galega para apresentar a sua campanha para o Jacobeu: "A Igreja contra as mulheres, as mulheres contra a Igreja". Denunciam umha instituiçom que exerceu durante séculos como "instrumento fundamental de submetimento feminino, empregando para este fim as chaves simbólicas das que o patriarcado se serve como estratégia de domínio". Na sexualidade, na família, no ensino e na vida laboral, o peso da Igreja foi, segundo elas, determinante para construir modelos femininos só baseados na dominaçom masculina. A campanha foi apresentada no 1º de Maio na sede corunhesa Nena Pepita, sorteando na festa um "kit activista feminista" e projectando diferentes audiovisuais.

CRONOLOGIA

10.04.2010 / Apresenta-se em Návia o colectivo Trafego de defesa da língua e o património do Eu-Návia.

11.04.2010 / Fiscal solicita dous anos de cárcere e seis mil euros de multa para três estudantes acusados de 'coacçom' e 'atentado contra a autoridade' num protesto contra Bolonha em 2008.

12.04.2010 / Associaçom animalista Libera denuncia o zoo de Lugo 'Marcelle Natureza' perante o Parlamento Europeu por incumprir a normativa para estas instalaçons.

13.04.2010 / Detido J.B.L., subtenente da Guarda Civil de Lugo, pola sua presumível implicaçom numha rede de prostituiçom.

15.04.2010 / Desempregados do naval viguês levantam acampamento após 46 dias diante da Junta.

16.04.2010 / Falece um operário de 37 anos atropelado por um camiom no polígono industrial de Meanho.

17.04.2010 / Mais de cinco mil pessoas assistem ao festival "Música contra o decretaço", convocado pola plataforma Queremos Galego na cidade de Ponte Vedra.

18.04.2010 / Mais de 1.000 pessoas manifestam-se em Compostela em solidariedade com a revoluçom cubana e contra o 'terrorismo mediático'.

19.04.2010 / Tribunal Mercantil de Vigo declara concurso de credores da conserveira Bernardo Alfageme, que acumula dívida de mais de 50 milhons de euros.

22.04.2010 / Fiscalia do Meio Ambiente denuncia a Endesa polos danos causados pola barragem no rio Eume, que tinha provocado o seu secado.

23.04.2010 / Comissom Nacional Espanhola da Competência expedienta cinco construtoras galegas por repartirem, supostamente, concursos públicos pactuando os preços das ofertas.

24.04.2010 / Guarda Civil prende três moços em Tui por atirarem pintura sobre um busto de Calvo Sotelo.

25.04.2010 / Vários milhares de pessoas manifestam-se

JULGAM MARINHEIROS POLA LUITA CONTRA O PORTO DE MASSÓ

Tribunais de Ponte Vedra julgárom no passado 12 de Maio dous marinheiros por se terem mobilizado contra a construçom do porto desportivo nos terrenos de Massó em Cangas. Solicitam-lhe penas de até 10 meses de cárcere. A confraria de Cangas realizou umha paralisaçom no mesmo dia para lhes mostrar o seu apoio.

UM EX-FALANGISTA, NOVO PRESIDENTE DE SOGAMA

Luis Alberto Lamas Novo, conhecido ex-falangista da cidade de Lugo, é o novo presidente de Sogama, após a destituiçom de José Álvarez Díaz. O seu antecessor fora processado por delito ambiental, prevaricaçom e tráfico de influências, depois de um turvo passado no Serviço de Vigiláncia Aduaneira.

"OS TEUS IMPOSTOS MATAM, TU PODES DESARMÁ-LOS"

Promovem exercer objecçom fiscal aos gastos militares na declaraçom da renda

NGZ / Espaço Aberto Antimilitarista propom com o lema "Os teus impostos matam, tu podes desarmá-los", exercer a objecçom fiscal na declaraçom da renda do Estado espanhol. O gasto militar e de controlo social deste incrementa-se mais um ano, chegando conjuntamente no presente ano a 12,49 por cento do Orçamento Geral do Estado (OGE).

Tal percentagem corresponde a 23.115´03 milhons de euros, que se obtenhem de somar despesas estritamente militares segundo o OGE, como o orçamento do Ministério da Defesa, o Centro Nacional de Inteligência, Investigaçom militar do Ministério da Indústria, e outros como infraestruturas e equipamentos ligados às Forças e Corpos de Segurança, tanto de categoria militar como civil, e ainda outros gastos considerados intromissórios de comportamentos militares na sociedade.

Assim, proponhem exercer a chamada Objecçom Fiscal ao Gasto Militar (OFGM) na declaraçom deste ano. Para isto haveria que realizar a declaraçom normalmente até chegar à "quota resultante da autoliquidaçom", correspondente ao dinheiro que haveríamos de pagar caso nom cotizássemos cada mês. Desta quantidade extraríamos a percentagem equivalente ao gasto militar (12,47%) e ao controlo social (9,8 %), e na secçom "Retençons e outros pagamentos a conta" deveríamos riscar algum dos apartados que nom empregamos para escrever para por "Por objecçom fiscal ao Gasto Militar". O Espaço Aberto Antimilitarista também propom dar umha quantidade fixa, de 84 euros, um para cada país empobrecido pola dívida externa.

Em qualquer dos dous casos, propom-se destinar o dinheiro para outros fins (este ano citam-se associaçons como A Ria nom se Vende ou Associaçom Revolucionária de Mulheres do Afeganistám), juntando o recibo correspondente com a declaraçom.

A Objecçom Fiscal é um direito que nom está reconhecido legalmente, de maneira que o Espaço Aberto Antimilitarista adianta que provavelmente seja rejeitada a declaraçom e nom seja devolvido o dinheiro, facto que animam a responder, recorrendo e mantendo o protesto à realidade do gasto orçamentário militar.

MEMÓRIA HISTÓRICA

Exigem justiça para as mais de cinco mil vítimas do franquismo na Galiza

NGZ / A Fundaçom Galega contra a Impunidade realizou a sua assembleia constituinte no passado dia 7 de Maio em Vigo. Nasce para prestar apoio aos procedimentos judiciais destinados a "depurar responsabilidades nos genocídios cometidos durante o franquismo e as ditaduras sul-americanas". A fundaçom toma o nome de 'Fernando Pereira' ao considerá-lo o "maior exemplo pessoal de luita contra a impunidade dos criminais causantes do genocídio".

A princípios de Maio o grupo promotor apresentou perante os tribunais argentinos dados de mais de cinco mil galegas e galegos retaliados, que pretendem somar à queixa-crime apresentada em Abril representando a globalidade das vítimas do franquismo. Os casos referenciados aludem a casos de torturas, detençons ilegais e crimes cometidos entre 1936 e 1977.

A querela foi apresentada em Buenos Aires por Dario Rivas, o filho do presidente do município de Castro de Rei em 1936 (assassinado pola Falange) e por Inés García Holgado. Solicitam aplicar o princípio de jurisdiçom universal por genocídio ou lesa humanidade que permitira processar as ditaduras chilena e argentina no Estado espanhol. Aplaudem a denúncia diferentes entidades galegas de defesa da memória histórica e os direitos civis, agrupadas em torno da Fundaçom. Na Argentina contam com o apoio da Federaçom de Associaçons Galegas, as 'Maes da Praça de Maio Linha Fundadora' ou a 'Associaçom de ex-detidos e desaparecidos'.

CRONOLOGIA

em Compostela em defesa dos serviços públicos.

26.04.2010 / Operário de Marim falece ao reparar um frigorífico industrial num supermercado de Vila Garcia. Em Toém morre O.I.P., trabalhador atropelado por um tractor num vinhal.

27.04.2010 / Cámara Municipal de Sangenjo inicia o derrube do edifício Boa Vista, ilegal desde 1984.

28.04.2010 / Trabalhadores do Consórcio de Igualdade fecham-se na sede de Santiago para reclamarem umha reuniom com os gerentes. Som despejados pola polícia umha hora e meia depois.

29.04.2010 / CIG denuncia presença de amianto nas obras da central de Caixanova em Vigo.

30.04.2010 / Real Academia Galega nomeia Henrique Monteagudo académico da instituiçom.

01.05.2010 / Milhares de galegos e galegas manifestam-se no Dia do Internacionalismo Proletário nas cidades do país.

02.05.2010 / Falece no hospital J.C.S. um dos dous operários feridos de gravidade numha explosom produzida na refinaria de Repsol na Corunha a 15 de Abril.

03.05.2010 / Morre Miguel Ángel S. M., trabalhador basco, ao cair de 15 metros na central térmica das Pontes.

04.05.2010 / Absolvido Alberto Pardellas, presidente do município de Melom, julgado por prevaricaçom. Consentira um pavilhom em espaços protegidos.

06.05.2010 / Condenada umha ponte-vedresa por coacçons às pessoas de etnia cigana realojadas no Vao.

07.05.2010 / Segundo incêndio provocado em menos de 24 horas obriga a cortar a linha ferroviária Samora-Ourense.

08.05.2010 / Colectivo Ecologistas do Salnês apresenta denúncia contra urbanizaçom vinculada ao PP em Monte Faro (Sangenjo).

09.05.2010 / Barco pesqueiro galego *Nuevo Apenino* afunda em águas da Mauritánia. Toda a tripulaçom foi resgatada.

POLO PATRIMÓNIO IMATERIAL GALEGO-PORTUGUÊS

O colectivo 'Ponte... nas ondas', que promove a comunicaçom cultural entre as duas margens do Minho, aprovou umha moçom solicitando aos governos galego, português e espanhol que promovam a inscriçom das tradiçons orais galego-portuguesas na listagem da ONU que reconhece o património imaterial da humanidade.

MASSA CRÍTICA SAI ÀS RUAS CONTRA OS TRANSPORTES POLUENTES

A Massa Crítica convocou a vizinhança corunhesa para sair às ruas no passado dia 8 de Maio utilizando veículos nom poluentes, nomeadamente bicicletas. Instárom a levá-lo à prática por doze horas seguidas num percurso marcado para "transformar o espaço público". Trata-se da quarta ediçom desta actividade.

MANIFESTAÇOM GANADEIRA

Produtores de vacum saem às ruas para denunciar o corte nas ajudas à produçom de carne

NGZ / Por volta de 5.000 produtores de carne saírom às ruas de Compostela no passado dia 7 de Maio, para denunciarem o corte sofrido polas ajudas à produçom em mais de 30 por cento, especialmente nas zonas do interior do País, e reclamar melhorias para a continuidade deste sector. Segundo o secretário geral do sindicato convocante, Unions Agrárias, "se o preço da carne de vacum incrementou em 25 por cento desde 1985 até a atualidade, o IPC fijo-o em 265 por cento". Aliás, as críticas centram-se na escassa implicaçom por parte da Junta da Galiza na hora de financiar as ajudas: do total dos 83 milhons de euros concedidos em 2009, o governo galego tam só contribuiu com 2,73 milhons. Como acontece noutros ramos do agro, a cadeia de distribuiçom alonga-se de tal maneira que a retribuiçom por quilo de carne só cobre até 50 por cento dos custos de produçom. Para além destas reivindicaçons, os dados mostram também a excessiva dependência do sector da carne nas economias de Ocidente; o consumo médio de carne de vacum na Europa em kg/ano é de 20. Porém, para produzir um só quilo de carne empregam-se 9 de cereal.

Já num ambiente mais folclórico que reivindicativo, a mobilizaçom finalizou com a degustaçom de quatro vitelos ao espeto assados polo cozinheiro Karlos Ibarrondo no recinto feiral de Ámio.

PALESTRAS E MESA REDONDA EM VIGO

Encontro alternativo à cimeira de ministros da pesca da UE

NGZ / A cimeira de ministros de Pesca da Uniom Europeia em Vigo, que tivo lugar nos passados dias 4 e 5 de Maio, foi contestada polos colectivos agrupados em torno da rede A Ria Nom Se Vende para chamar a atençom sobre a "alarmante situaçom actual" do sector. Com este objectivo convidárom organizaçons ambientalistas e sociais, assim como confrarias pesqueiras e representantes do sector marisqueiro.

Os actos desenvolvêrom-se em seis jornadas entre o 27 de Abril e o 5 de Maio e consistírom em diferentes conferências e umha mesa redonda que coincidiu com a data de encerramento do encontro ministerial, a cujos participantes entregárom um documento com as conclusons da cimeira alternativa.

A Ria Nom Se Vende pretende visibilizar "a ignorada catástrofe que os sistemas de pesca industrial estám a causar nos oceanos, junto à problemática situaçom do litoral galego, especialmente nas rias e no sector extractivo". Os agentes directamente afectados que participárom nas palestras fôrom a Confraria de Pescadores de Cangas, umha mariscadora moanhesa em representaçom do papel das mulheres nos ofícios do mar, a Associaçom Vicinal de Corujo e a Confraria Mar de Lira.

ENTREVISTA

"Com o pretexto do 'respeito à convivência', a polícia vai controlar qualquer uso público das ruas"

Santiago Quiroga, da Plataforma contra a Ordenança Cívica de Lugo

ANTOM SANTOS / O controlo milimétrico dos espaços urbanos está a ser umha das prioridades de todos os governos municipais no Reino de Espanha, sejam de direita ou de 'esquerda'. As ruas das cidades, saturadas de carros e hipertrofiadas para o consumo, padecem agora duros regulamentos para qualquer utilizaçom diferente do espaço, reivindicativa ou lúdica. A estratégia de controlo nasceu em Compostela, ao alento da turistificaçom, e agora estende-se a cidades como Lugo. Falamos com Santiago Quiroga, activista lucense, que nos explica os primeiros passos na organizaçom social para combater o projecto de "ordenança cívica".

Como começa a desenhar-se umha ordenança cívica para Lugo?
A ideia é global, pois parte da "lei de grandes cidades", que inclui um controlo policial mui estrito das ruas, em cidades como Barcelona ou Sevilha. Incluem-se aqui planos como a videovigiláncia, mas também a regulaçom ou proibiçom de toda a actividade pública que nom seja simplesmente circular ou consumir.

Como se plasma isto na ordenança lucense?
Com um plano que pretende punir severamente toda a actividade que eles consideram daninha. Por exemplo, a distribuiçom de propaganda em mao, a colagem de cartazes, de colantes... mas também actividades lúdicas, tais como jogar à bola na rua, praticar skateboard... por nom falarmos de que penaliza a mendicidade, que será punível, segundo a ordenança, "se for reiterada". Recorda umha lei franquista, que também legislava cousas assim.

Em que estado se encontra a aprovaçom desta ordenança?
Por enquanto é só um rascunho. O governo municipal anunciou o projecto, desenvolvendo um plano propagandístico mui trapaceiro. Nos bairros mais conflituosos, onde há certa marginalidade, casos de delinqüência... o governo mostra-o como umha proposta de "mao dura" e segurança, vendendo-o assim aos dirigentes vicinais. E nos bairros mais calmos, simplesmente tranquilizando as pessoas, dizendo que nom se preocupem, que a maioria das faltas que se tipificam (como brincar ou jogar na rua) nom vam ser punidas. Puro oportunismo.

Há consenso das forças políticas institucionais?
Há bastante consenso. PP e PSOE apoiam-na, e o BNG pediu a modificaçom de certos pontos. Fora das instituiçons, IU pede a retirada total do projecto.

Qual foi a resposta dos movimentos sociais da cidade?
Quando tivemos notícia da gravidade da medida, organizamo-nos, e vários colectivos constituímonos em Plataforma. À partida, o governo municipal prometera que ia ter em conta todo o mundo, através de umha reuniom onde se recolheriam as propostas dos agentes sociais para a elaboraçom da ordenança. Era falso, nom contárom com ninguém. Depois, conseguimos umha reuniom, onde as autoridades municipais afirmárom que seguiriam ponto por ponto com a iniciativa inicial.

Qual pensades que é o sentido de umha ordenança como esta?
Parte-se de umha premissa falsa, como é a "defesa da convivência", para pôr qualquer actividade de rua sob o controlo policial. Os agentes actuarám como juízes, ao terem total potestade para julgar o que é punível e o que nom. E numha cidade que se por algumha cousa se caracteriza é por nom ter problemas de convivência! Curiosamente, fai um chamamento a defender a convivência um governo municipal que tivo que ser parado nos tribunais pola sua tentativa de edificar o Parque Rosalia, contra a vontade da maioria; e utilizam a polícia numha cidade em que, precisamente, a justiça anda a investigar tramas de proxenetismo com importante presença de funcionários policiais.

Que força tendes os movimentos sociais em Lugo para deter isto?
Lugo é umha cidade mui tranquila. Neste sentido, diferencia-se de outras cidades galegas, como podem ser Vigo ou Compostela. Cá os movimentos tenhem menos força. Ora, com mais ou menos força, quer paremos a ordenança quer nom, nós nom vamos aceitá-la. De maneira que pensamos realizar actos de desobediência civil quando for aprovada, como convocar actos públicos sem autorizaçom, organizar eventos desportivos na rua... isto acompanharemolo com umha campanha de informaçom à sociedade.

LOCALIZAM PARCELA PARA TRANSGÉNICOS EM MESSIA

A Plataforma Galega Antitransgénicos fijo pública a localizaçom exacta da parcela em que a empresa Pioneer vai experimentar com diferentes variantes de milho transgénico na paróquia de Cumbraos, em Messia. Detectárom nela tratamentos de ervicida e informarám a vizinhança das possíveis conseqüências.

BIOGRAFIA DO MORENO, ANTIFASCISTA PRESO DESDE HÁ 25 ANOS

O 'Socorro Vermelho Internacional' editou a biografia do antifascista galego Xaime Simón Quintela, preso dos GRAPO desde 1985. Com 50 anos de idade, passou metade da sua vida no cárcere. Se nom lhe tivessem aplicado a chamada 'Doutrina Parot' teria saído em liberdade no ano 2006.

Capital privado para construir Centro de Saúde em Marim

NGZ / A porta-voz municipal do PPdeG do concelho ponte-vedrês de Marim, María Ramallo, anunciou que o futuro Centro de Sáude desta vila acometerá-se com a mesma estratégia privatizadora que a Junta desenhou para os novos hospitais de Ponte Vedra e Vigo. Assim, a Administraçom autonómica empregará capital privado para levar a cabo a infraestrutura e entregará à empresa adjudicatária a gestom de alguns dos serviços.

Como a mesma Ramallo afirmou, esta decisom tem a ver com os cortes feitos nos cofres públicos "pola crise económica", cortes que afectárom as verbas orçamentárias destinadas aos serviços públicos, o que indica que fazer negócio com as entidades privadas pode continuar a dar-se nos vindouros meses com outras infraestruturas.

Perante este anúncio, o Colectivo Nacionalista (CN) de Marim fijo público um comunicado em que denuncia as práticas da Junta na gestom dos serviços públicos, e que neste caso foi anunciado por umha vereadora do PPdeG. Para o CN, o sistema que defende de Feijóo para a saúde pública é o mesmo "modelo caduco e fracassado da saúde madrilena, e que já foi um desastre em Valência".

Assim, o CN pergunta a Maria Ramallo "quanto terá que pagar a Administraçom e por quantos anos", já que se, tal e como ela anunciou, o sistema vai ser o mesmo que para os hospitais de Ponte Vedra e Vigo "a Administraçom vai endividar-se por 20 ou 30 anos com umha empresa, multiplicando por muito o custo real do Centro de Saúde".

ORGANISMOS GENETICAMENTE MANIPULADOS

PSOE e PP favorecem a entrada de transgénicos

NGZ / No passado dia 5 de Maio os representantes do PSdeG e PPdeG unírom as suas forças no Parlamento para rejeitarem em votaçom umha iniciativa do BNG que pedia a declaraçom da Galiza como Zona Livre de Cultivos Transgénicos.

A proposiçom nom de lei, apresentada pola deputada nacionalista Tareixa Paz, debateu-se na Comissom de Agricultura, e instava à Junta a declarar o País como zona livre do cultivo de produtos modificados geneticamente, "tanto os destinados à alimentaçom humana como à animal". Além disto, o texto recolhia a possibilidade de que a Galiza participasse nas acçons da Rede de Regions Europeias que se declaram livres de cultivos transgénicos, ao mesmo tempo que solicitava ao Governo Galego o desenho de políticas fortes de protecçon dos cultivos tradicionais e ecológicos.

Após a votaçom que tombou a inicitiva, Tareixa Paz qualificou de "falácia" os argumentos a favor dos transgénicos, que os defendem como modo de incrementar as colheitas "e ajudar a erradicar a fome no mundo". "Só trazem mais empobrecimento", censurou, ao mesmo tempo que criticava socialistas e populares por "anteporem os interesses das multinacionais sobre a saúde humana".

RESISTÊNCIA GALEGA

Intensificam-se as sabotagens contra interesses do PP e o Estado

NGZ / Os ataques com engenhos incendiários tenhem vindo a aumentar nas últimas semanas. No passado dia 19 de Abril eram atacadas com coquetéis molotov as sedes do PP em Nigrám e Gondomar, a primeira delas depois de ter sido partido o vidro para prender lume dentro. Os dous fôrom reivindicados pola Resistência Galega, referindo críticas contra a política lingüística do actual governo. Desde a etapa do Prestige, o PP nom fora atacado com esta freqüência.

O INEM de Lugo foi o cenário de umha outra sabotagem, desta vez nom reivindicada. A sede apareceu com a fachada danificada por efeito de umha bomba incendiária, segundo os meios empresariais, durante a madrugada do passado 1º de Maio.

Três moços fôrom detidos em Tui no 23 de Abril por sujar com pintura vermelha umha estátua de Calvo Sotelo. A.C.G., vizinho do Rosal, D.S.B e A.N.F. de Tui tivérom que passar a noite no quartel da Guarda Civil em Pote Vedra, e depois de comparecerem perante o juiz fôrom libertados sob acusaçom. O ataque foi relacionado polos meios comerciais com o das sedes do PP, passando de qualificar o acto de "terrorista" a "acto vandálico" enquanto se descartou a vinculaçom com o independentismo.

Por sua vez, a 26 de Abril o Novas da Galiza recebia a reivindicaçom de um ataque incendiário às instalaçons piscícolas da Stolt Sea Farm em Quimes, contra a sua ampliaçom e como "resposta às agressons ao meio natural e aviso perante o projectado plano aqüícola".

PRESOS INDEPENDENTISTAS

Óscar Sanches obtém liberdade provisória enquanto Olveira e Caamanho som transferidos

NGZ / O preso independentista Óscar Sanches está em liberdade provisória desde o passado dia 5 de Maio, quando abandonava o cárcere madrileno de Soto del Real depois de permanecer perto de quatro meses preso antes de ser julgado. Um acordo entre a sua defesa e a Fiscalia conseguiu a excarceraçom, ficando o viguês pendente agora da realizaçom do julgamento na Audiência Nacional espanhola.

A decisom tem a ver com que o pedido de condenaçom do fiscal (por "tentativa de danos terroristas") iria ser menor a dous anos, polo que nom teria base legal a sua permanência em prisom preventiva. De facto, a sentença já emitida contra Jurjo Olveira (julgado no passado dia 16 de Abril) implicou umha pena de 9 meses de internamento num centro de menores (a rever em 4 meses e meio) e 1 ano de liberdade vigiada. Olveira foi transferido para o Centro de Reforma Monteledo de Ourense.

Por sua vez, Ugio Caamanho está preso agora no cárcere de La Moraleja, na província de Palência e a 476 quilómetros do seu domicílio, depois de ter sido transferido da prisom galega de Cúrtis para a de Valdemoro em finais de Fevereiro.

www.inovagaliza.com
|desenho|comunicaçom|publicidade|
inova

MÁRTIRES DE CARRAL

Homenageiam revoluçom galega de 1846 entre forte dispositivo policial

NGZ / No passado dia 24 de Abril Causa Galiza homenageou os Mártires de Carral nesta vila corunhesa. A organizaçom dispujo de autocarros desde diversos pontos do país. Perto de umha centena de pessoas caminhou a pé do Monumento aos Mártires até o cemitério de Paleo, onde descansam os corpos dos protagonistas da revolta galega fusilados em 1846. Depois da caminhada e do acto político em que falou o historiador Uxío-Breogán Diéguez e Pedro Alonso, a jornada completou-se com umha ceia popular de convívio diante da taberna *Lume e ferro* e os concertos com grupos da zona.

As homenagens nacionalistas em Carral fôrom historicamente acompanhadas de um forte controlo por parte das forças policiais: foi o caso do Banquete de Conjo, a inauguraçom do Monumento em 1904 ou os actos de 1934. Nesta ocasiom, Causa Galiza sublinha "as pressons policiais e o 'Estado de Sítio' a que se viu submetida a vila durante os actos." Um operativo da Guarda Civil deslocou numerosos efectivos até Carral. Entre os incidentes conta-se a gravaçom dos discursos dados na igreja de Paleo por telemóveis da Guarda Civil, a reiterada identificaçom dos artistas locais que realizavam um mural comemorativo –que contava com a autorizaçom da Cámara municipal– e o contínuo desfile de automóveis policiais por diante da sala em que se realizárom os concertos.

AGRESSONS AO AMBIENTE

Fenosa nom renuncia a mais barragens no Minho

NGZ / Gás Natural-Fenosa continua com a pretensom de construir mais barragens no rio Minho. Assim o revelou umha pergunta parlamentar da deputada do BNG no Congresso dos Deputados, Olaia Fernández. Nuns dias em que se ressuscita o tantas vezes soterrado projecto de encoro no Návia, a populaçom soubo de mais umha ameaça: o projecto de Gás Natural-Fenosa (agora em maos inteiramente foráneas) no tramo final do Minho, concretamente no trecho em que atravessa o concelho de Arvo. A transnacional pretende ainda a construçom de três saltos, geridos conjuntamente com Electricidade de Portugal.

Por enquanto, nom há mais notícias do projecto. Este nom foi definitivamente suspenso polo executivo espanhol, apesar de ser adiado sucessivas vezes desde a década de 70. O projecto conta com umha declaraçom de impacto ambiental negativa e com a oposiçom frontal da vizinhança, de Arvo à Guarda.

DEFESA DA TERRA

Umha centena de pessoas na marcha ecologista entre a central térmica de Meirama e Sogama

NGZ / No dia 24 de Abril Cerzeda acolheu a 'Andaina polo clima' convocada por numerosos colectivos ambientalistas do país, exigindo ao governo galego umha reduçom mínima de 30 por cento das emissons galegas de gases de efeito estufa em 2020 a respeito de 1990. Para as entidades convocadoras "a mudança climática é a manifestaçom mais preocupante da crise ecológica planetária que estamos a sofrer"; do mesmo modo, rejeitam "falsas soluçons à mudança climática como a energia nuclear".

A marcha decorreu entre a central térmica de Meirama e a incineradora de resíduos urbanos de Sogama, duas das unidades mais poluentes do país, situadas a escassos metros umha da outra. A caminhada decorreu num ambiente festivo e reivindicativo, ainda que escoltada a vários metros pola Guarda Civil. Estavam presentes vizinhos e vizinhas da Lousa, afectadas polo carvom da central que estraga os seus cultivos. O acto finalizou em Sogama, com um encerramento simbólico da mesma.

Mobilizaçom contra umha canteira nas imediaçons do Suído que afecta o único foxo de lobo duplo

NGZ / A Associaçom para a Defesa da Natureza do Condado (Adenco) e a Assembleia do Suído denunciárom, com umha visita guiada de Mondariz à Cotodeira no passado 9 de Maio, o ponto mais alto deste concelho Ponte Vedrês, que a empresa Minor Galicia S.L. abrirá umha canteira com a aprovaçom da Junta da Galiza nesse lugar.

Este novo ataque à paisagem galega, desta vez nas imediaçons da Serra do Suído, que pom limite físico entre as comarcas de Ponte Vedra e do Ribeiro, afecta várias áreas consideradas de interesse, como o único foxo de lobo duplo da Galiza, ou as branhas de Monte Maior, espaço que se encontrava incluído na proposta de ampliaçom da Rede Natura 2000.

A nova exploraçom mineira situará-se dentro dos terrenos da Comunidade de Montes Vicinais de Ventim (paróquia do município de Fornelos de Montes), que já rejeitou o projecto. Ademais dos ecologistas da Assembleia do Suído, apresentárom também alegaçons a esta nova instalaçom a própria câmara municipal do concelho de Fornelos de Montes e a comunidade educativa da zona.

LUITA OPERÁRIA

Discreto seguimento nas mobilizaçons do Primeiro de Maio

NGZ / Mais um ano, as centrais sindicais galegas saírom à rua por separado no Primeiro de Maio. Enquanto a Confederaçom Intersindical Galega se manifestava em nove cidades galegas com a palavra de ordem "Emprego e salários dignos. Nom ao pacto social" e "O défice público que o pague o capital. Reforma fiscal já!", a Central Unitária de Trabalhadores situava em Vigo a sua convocatória nacional com umha reivindicaçom clara: "Greve Geral Já!", em companhia da central anarcossindicalista estatal CGT.

Segundo a maior parte das fontes consultadas, o contexto de crise capitalista, do qual a Galiza começou a sentir os efeitos mais duros nos últimos tempos, nom favoreceu a participaçom nas mobilizaçons, que recolhem números semelhantes aos doutros anos. Assim acontece com a manifestaçom da CUT e da CGT em Vigo, que contou com perto de 3.000 manifestantes. A CIG, por sua vez, contabilizou 160.000 pessoas como total das manifestaçons realizadas em todas as cidades, das quais a central e mais numerosa seria a de Vigo, com uns 8.000 trabalhadores e trabalhadoras. Este dado implicaria nom só a falta de crescimento, mas umha ligeira descida na capacidade de mobilizaçom, que mais de umha fonte considera relacionada com o desenvolvimento do conflito dos desempregados do naval.

Centrais galegas contra as mesas de diálogo social

Frente à atitude das centrais sindicais estatais de participam nas chamadas Mesas de Diálogo Social com o Governo Espanhol, a CIG centrou parte do seu discurso na crítica de umhas negociaçons que tratam políticas que "nom som as que nos levariam à saída da crise económica". Assim, o discurso de Suso Seixo, secretário geral da CIG, insistiu em Vigo em que nom se pode permitir fazer recair nas condiçons laborais dos trabalhadores e trabalhadoras as causas de umha crise causada por "um modelo de economia especulativa, que gerou um grande lucro e grandes dividendos para quem especula nos mercados financeiros a custo de reduzir direitos e precarizar as condiçons laborais".

Na CUT, por sua vez, reclamárom a convocatória de umha greve geral nacional, contra "um sistema esgotado que continuará a viver na agonia enquanto a classe operária estiver a dar-lhe oxigénio".

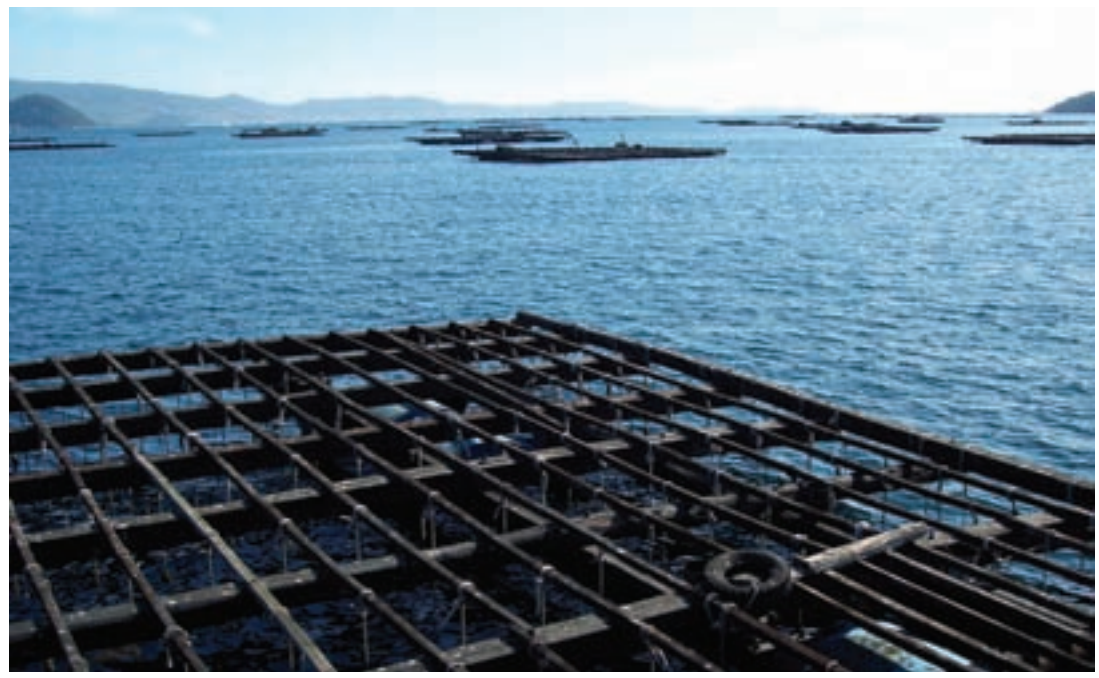
MAR

"A Conselharia procurava criar o clima adequado para poder intervir no Conselho e adequá-lo aos seus interesses"

Junta, patronato da conserva e meios dinamitam o único órgao unitário do sector bateeiro

AUDITORIA INTERESSADA UTILIZA-SE PARA ATACAR A INDEPENDÊNCIA DO CONSELHO REGULADOR DO MEXILHOM

AFONSO DIESTE / A filtraçom "caluniosa e manipulada" de umha auditoria encarregada pola Conselharia do Mar sobre o Conselho Regulador do Mexilhom procura finiquitar umha entidade cuja defesa do produto galego ameaça interesses de grandes empresas transformadoras. Centenas de bateeiros assinam um documento de rejeiçom do que qualificam de "ataque sem precedentes" ao único organismo que é capaz de aglutinar todo o sector mexilhoeiro e acusam a Junta e a Anfaco de levarem a cabo umha estratégia de 'encurralamento' contra o sector.



"Quando até bateeiros reconhecidos do PP proponhem que há que ir a Compostela para montar um 'cristo' à Junta, mas um bom 'cristo', com ocupaçom da Conselharia do Mar incluída, é que a cousa está mais que quente no sector, olho". A reflexom de um mexilhoeiro vila-joanês resume a indignaçom que se vive entre centenas de produtores de base perante o que o Governo galego defende como umha simples auditoria externa sobre o Conselho Regulador do Mexilhom (CRM), mas boa parte do sector qualifica isto como "um ataque sem precedentes ao único organismo que trabalha para defender o nosso produto e parar os pés às importaçons de molusco chileno por parte de poderosas conserveiras que depois o comercializam como se fosse galego".

A princípios deste mês, meios de comunicaçom 'filtravam' ao público um documento em poder da Junta e que esta catalogava como confidencial: umha nova auditoria encomendada pola Junta sobre o período de 2005 a 2009 no Conselho Regulador do Mexilhom, anos que já fôrom auditados no seu momento por umha empresa externa e independente e cujos resultados foram aprovados pola própria Junta de entom. Os dados deste novo exame, amplamente mediatizados por algum jornal, apontavam graves irregularidades económicas, despesas injustificadas, manipulaçons eleitorais, dietas astronómicas... Todos os ingredientes necessários para um escándalo que enervasse os bateeiros de base e figessem abalar os representantes do CRM e o próprio organismo.

No entanto, nom aconteu tal. Todo o contrário. A polémica pola auditoria transformou-se em 24 horas num 'boomerang' que se dirigiu para altos cargos da Conselharia do Mar do PP, nomeadamente Juan Maneiro, director geral, que é assinalado no sector como o responsável por "filtrar calúnias mal-intencionadas" aos jornais com a intençom de favorecer os interesses das grandes firmas conserveiras e das empresas galegas que exploram no Chile o "chorito" (mexilhom austral).

Filtraçons interessadas

E como se produziu esta mudança? A saída à luz das "filtraçons interessadas" através de alguns jornais levou o Conselho a organizar rapidamente assembleias abertas em Rianjo e na Ilha de Arouça, com assistência massiva de bateeiros. Assembleias em que os produtores podiam perguntar o que quigessem sobre a auditoria ou pedir explicaçons sobre qualquer aspecto da mesma.

O argumentário do Conselho Regulador em sendas assembleias foi conciso e directo: os dados da auditoria filtrados através da imprensa variavam entre meias verdades e mentiras inteiras (exemplo: na auditoria di-se que o CRM endivida 250.000 euros em IVA à Fazenda, quando o Conselho está isento do pagamento deste imposto), a Junta ocultou ao Conselho partes da auditoria e recusou-se a admitir as alegaçons feitas à

> Querem suprimir a denominaçom de origem que di que o mexilhom galego é o que se cultiva aqui

mesma polo próprio sector, Juan Maneiro rejeitou que umha delegaçom deste organismo mexilhoeiro estivesse presente nos encontros do director geral com certas entidades bateeiras para falar da auditoria. E, como colofom, a Auditoria foi encomendada "a dedo" pola Conselharia do Mar a umha empresa próxima da Administraçom popular (SACE) para examinar o período de 2005 a 2009, já auditado no seu momento por empresas externas e independentes e em cujos resultados nom se detectárom problemas de contas (mesmo sendo estas aprovadas pola Junta).

Responsabilidade da Junta

"Pensamos que a Conselharia procurava criar o clima adequado para, justificando-se numha suposta má situaçom económica do Conselho Regulador do Mexilhom e no alarme social, poder intervir nele, nomear umha gestora amiga e convertê-lo assim num fantoche dos seus interesses", reflectia um membro de Opmega, a principal federaçom de bateeiros galega.

Ainda por cima está a figura de Juan Maneiro. Com um amplo currículo de postos de confiança nas diferentes conselharias da Pesca em maos do PP, Maneiro está ligado para umha parte do sector bateeiro a dous factos:

Por um lado, ser a ponta de lança do daquela conselheiro López Veiga, em conivência com grandes conserveiras (Frinsa, Jealsa, Escuris...), para incentivar o cultivo de mexilhom no Chile, garantindo um produto barato com que substuituir o galego. Nos últimos quatro anos, as conserveiras galegas deixárom de comprar aos bateeiros 100.000 toneladas de mexilhom, praticamente a mesma quantidade que nesse período importárom do Chile.

Por outro, ser o responsável do Plan Galicia 2010, umha folha de rota dos populares para o sector do mar em que apostavam no desembarco de grandes empresas nas rias galegas para explorar os seus recursos frente ao atraso dos "minifúndios" de bateias e pesca artesanal.

De facto, e nisto coincidem nom poucos directivos de importantes organizaçons mexilhoeiras, após toda esta polémica está, consideram, umha aposta da Junta e Anfaco em deitar abaixo a DOP (Denominaçom de Origem Protegida, gerida polo CRM) concedida pola Europa ao mexilhom galego, e que é a única que garante que o único mexilhom galego que pode ser considerado tal é o cultivado na Galiza e nom, como defende o patronato, todo o que for embalado no País.

ECONOMIA

O Executivo apoia as empresas para romper com as melhorias laborais conquistadas pola luita operária desde há anos

Governo fai recuar direitos a trabalhadores na sua reforma laboral

O Executivo espanhol negocia com o patronato e os sindicatos umha maior precarizaçom das condiçons laborais

FOTOGRAFIA: ZÉLIA GARCIA

AARÓN L. RIVAS / As novas medidas que o Governo espanhol está a estudar no mal chamado "diálogo social", em que participam o patronato e os dous sindicatos maioritários (CCOO e UGT) som novos avanços para a precarizaçom do mercado laboral através do corte dos direitos dos trabalhadores. A chamada reforma laboral, que o presidente José Luis Rodríguez Zapatero negou que realizaria em várias ocasions, é umha cessom por parte do Governo "socialista" às associaçons patronais e ao Banco de Espanha, entes que durante meses estivérom a lançar mensagens orientando o Executivo em relaçom à 'necessidade' de que as contrataçons foram mais baratas para as empresas.

Precisamente, no escrito redigido a 12 de Abril polo Governo e que foi apresentado às partes que conformam a Mesa de Diálogo Social figura como medida principal o abaratamento dos despedimentos no futuro panorama laboral. Nesse documento, o Executivo espanhol indica que o mercado laboral do Estado precisa de "medidas que fagam mais atraente para as empresas a contrataçom indefinida". O argumentário base da reforma nom som a salvaguarda dos direitos dos trabalhadores nem a melhoria das contrataçons, senom que as empresas gastem menos dinheiro nos seus empregados.

Contrato de fomento do emprego indefinido

Se bem que esta modalidade de contrato existisse já na regulaçom espanhola desde o ano 1997, o actual Ejecutivo decide impulsionar este tipo de contrataçom por umha razom: a idemnizaçom por despedimento reduz-se dos 45 dias por ano trabalhado que hoje em dia indica o Estatuto dos Trabalhadores a tam só 33 dias. O contrato de fomento do emprego indefinido nascera no seu momento restringido a sectores como mulheres sem emprego, pessoas desempregadas de mais de 45 anos ou trabalhadores a estagiar ou em práticas. Agora, o Governo estuda que este tipo de contrataçom que aprofunda na precariedade poda ser aplicado ao conjunto dos trabalhadores.

Outra das medidas que venhem com o pacote da reforma laboral seria umha adaptaçom do chamado "modelo austríaco". Deste modo, as empresas retenhem até 1,5 por cento do salário do empregado para guardá-lo num fundo do qual o trabalhador poderá retirar o dinheiro se for despedido ou muda de empresa. Por outro lado, o Governo de Zapatero dá outra maozinha às empresas e anuncia na Mesa de Diálogo Social que o Fundo de Garantia Social poderá fazer-se cargo de 40 por cento dos custos dos despedimentos nas cotrataçons realizadas através dos contratos de fomento do emprego indefinido ou estável. Deste modo, o Executivo espanhol apoia as empresas para que estas dem passos na precarizaçom do mercado laboral e rompam com as melhorias laborais conquistadas pola luita operária desde há anos.

> O abaratamento dos despedimentos e a desregulaçom do mercado laboral som parte da reforma

> O Governo espanhol aposta por umha maior presença das ETT's no mundo do trabalho

Maior presença das ETT's

Também o Instituto Nacional de Emprego (INEM) parece estar a caminhar para a sua privatizaçom. Assim, os planos do Governo espanhol passam por umha maior intermediaçom das Empresas de Trabalho Temporário (ETT's), as quais poderiam passar a operar no sistema público através das agências privadas de colocaçom. O sindicato nacionalista CIG denunciou que esta medida é um ataque "contra os direitos fundamentais e contra o próprio modelo de contrataçom das administraçons públicas". Mais um passo para a desregulaçom do mercado laboral.

Outro passo mais na precarizaçom das condiçons laborais som os planos que o Governo tem para a mocidade. A criaçom de um "contrato de formaçom", sem cotizaçons na Segurança Social, que se amplia até os 24 anos. Quer dizer, mais anos em precário.

O chicote dos marajá

Xavier Rodrigues Fidalgo

Recuperados do susto inicial que lhes produziu o estouro da bolha financeira e ao confirmarem que nengumha medida séria (expropriaçom do previamente roubado, revolta social, desmantelamento dos múltiplos paraísos fiscais, incluídos os que nunca figurarám em listagem oficiosa algumha, como o éden espanhol das SICAV e das facturas 'em B', etc.) ia pôr minimamente em perigo o actual modelo de acumulaçom, os guardians do capital abandonárom formalmente os parênteses e as refundaçons. Conscientes de que a melhor defesa é o ataque, livres já de qualquer complexo, estám de novo a lançar toda a sua artilharia para continuar a encher os cofres.

Resgatados os banqueiros, os fabricantes de automóveis, os construtores (em 75 mil euros mensais valorizou um juiz o "direito a alimentos" do insolvente Fernando Martín, presidente da também insolvente Martinsa-Fadesa) vai sendo hora de os parvos pagarem a conta. O quórum dos marajá completou-se, aos demais toca-nos dobrar o espinhaço. Por isso é polo que precisam de umha reforma laboral urgente que incentive o trabalho mediante a fórmula mais persuasiva: a ameaça de miséria.

> Os marajá precisam de umha reforma laboral que incentive o trabalho mediante a fórmula mais persuasiva: a ameaça de miséria

O direito a alimentos do insignificante retalho de trabalhadores que, dispondo de um contrato indefinido, som despedidos de maneira improcedente (isto é, sem mediar causa objectiva algumha) está estabelecido no estado espanhol em 45 dias de salário por cada ano trabalhado, com o limite de 42 mensalidades. Que esta indemnizaçom nom é a origem das altas taxas de desemprego sabem-no bem os dobermann do sistema, pois som eles que assinam diariamente contratos temporários fraudulentos e liquidam os raríssimos indefinidos existentes alegando razons de tipo objectivo (com o conseqüente aforro de boa parte da indemnizaçom).

Tenhamos presente que os 45 dias nom som os aplicados em situaçons de crise que arriscam a viabilidade da empresa (para esses casos a compensaçom é de apenas 20 dias com um máximo de 12 mensalidades), senom os que pretendem proteger o trabalhador das decisons arbitrárias do empresário ou, polo menos, evitar que lhe saiam completamente grátis. É essa salvaguarda a que querem reduzir, para ir-se chegando ao seu eterno ideal de sanguessugas, que, se deixou de ser o látego e as cadeias, foi exclusivamente pola sua notória evidência.

Nom é por outro motivo que aplaudem o chamado modelo austríaco: porque desliga indemnizaçom de responsabilidade, espalha umha vez mais os custos entre a maioria e oculta melhor esse chicote que, contodo, há de seguir batendo no lombo dos de sempre, como sempre.

Xavier Rodrigues Fidalgo é economista

AGRO

Antonio Carral, um dos pioneiros da produçom de leite ecológico na Galiza, fala das alternativas à agricultura convencional

“Estou profundamente convencido de que o modelo da sustentabilidade é o caminho”

"COM A PRODUÇOM INTENSIVA AS MULTINACIONAIS CONTROLAM-TE E NOM TE DÁS CONTA"

P.V. E J. R. / Com a conhecida crise no sector leiteiro pola dependência da indústria, tenhem agora um destaque maior aquelas fórmulas de agricultura que se libertam das ataduras do modelo industrial e retornam à velha ideia do agricultor como gestor do seu próprio património. Antonio Carral é um deles. Com umha exploraçom de ao redor de 60 cabeças e 40 hectares, produz desde há 5 anos 'em ecológico', convencido de que este é o caminho. Acaba de abrir umha tenda em Lalim. Falamos com ele acerca do seu modelo de produçom.

ANTONIO CARRAL junto à carrinha que emprega para fazer o reparto de leite cru

Praticou desde sempre a agricultura ecológica ou começou na convencional?

Mudei; nós tínhamos umha exploraçom intensiva, com umha carga ganadeira de três vacas por hectare e umhas produçons médias de 8.000 litros por vaca/ano. A base da produçom era prado wasterwall, e milho entorno a 60 por cento dependendo do ano da exploraçom, com umha facturaçom que rondava os 8.000 euros por mês. Além disso, as horas de trabalho e o esforço que realizavas levava-cho outra gente: antes de começar com o modelo ecológico, houvo um mês em que cobramos 9.000 euros e tam-só ficamos com 600 euros. Aliás, via que estávamos a acabar com o que tínhamos: por um lado as terras, poluindo-as, esmagando-as pola sobreproduçom, e por outro lado os animais, oprimidos de tal jeito com concentrados e antibióticos que ficávamos a olhar como estávamos a destruir o nosso próprio património. Foi por isso que decidimos mudar para um sistema mais sustentável e ecológico.

Com que assessoramento contou?

Figemo-lo sós. Fomos pioneiros. Em torno a 7 ou 8 exploraçons começárom daquela a produzir em ecológico. No nosso caso foi umha decisom plenamente particular. Eu tinha um amigo que era veterinário e junto com ele figem os planos.

Como melhorou o rendimento económico da exploraçom?

Eu estou a falar daqueles tempos em que nom havia a crise que há hoje, e nom chegávamos a 5 nem a 10 por cento de margem limpo por litro de leite. Hoje superamos 50 por cento com as mesmas bases técnicas que tínhamos antes, sem contar com o leite que vendo directamente ao consumidor. Produzindo metade do que estávamos a produzir, ganhamos muito mais dinheiro.

Que sindicatos assessoram um ganadeiro ecológico?

Aqui na Galiza o único sindicato que apoia isto é o Sindicato Labrego, eles som os que estám a puxar com toda a força por este sistema de produçom. Eu antes estava em Unions Agrárias e o que queriam era coutar-te, nom queriam que mudasse, diziam-me que era umha parvada...

> “Antes estava em Unions Agrárias e o que queriam era coutar-te, nom queriam que mudasse”

Que melhorias que obtém um agricultor ecológico?

Eu podo falar acerca das melhorias, porque vivim os dous mundos, sempre o digo. Em ecológico a vida é muito mais relaxada, a margem limpa é maior, o pouco dinheiro que se cobra fica para um mesmo, os animais andam muito melhor e vês um ambiente mais saudável e mais limpo. Além disso, amigos vendedores eu nom tenho nenhum, ninguém me dá palmadas nas costas, nem me convidam a cear.

Qual é o nível de saúde animal numha fazenda ecológica?

Nom existem problemas de reproduçom, nem abortos. Estes problemas estám estritamente relacionados com os cereais; as vacas nom estám preparadas para os comerem; é igual que se dam a um humano erva para comer todos os dias. Todo aquilo que seja isolado do ambiente natural nom pode funcionar. O importante é aproximar-se da envolvente natural.

> “Se dixessem a um ganadeiro: 'há dous sistemas', daria-se-lhe margem para que escolhesse”

Que tem de atraente o sistema de venda directa para os clientes?

Tu, quando compras um UHT, estás a comprar ao supermercado; quando o compras directo estás a comprar à pessoa que mugiu a vaca. Para o leite cru isto é importante porque dá confiança. A mentalidade favorável ao leite cru foi esmagada lembrando-se quando antes vinham as leiteiras com as baterias mui porcas, etc. Hoje em dia dá-se um certificado sanitário, o leite passa uns controlos, há um registro de qualidade e leva a etiqueta na garrafa como o resto dos produtos....

> “'Em ecológico' a vida é muito mais relaxada e o pouco dinheiro que se cobra fica para um mesmo”

Qual é a sua formaçom?

Tam só estudei FP. Figem inquéritos no sistema agrário durante mais de vinte anos; visitei cerca de 70 por cento das exploraçons galegas. A minha formaçom provém de todo o trabalho de campo realizado, visitando todos os dias exploraçons. O meu principal assessoramento é ter pisado o campo.

Como explica que a maioria das exploraçons nom prefiram a opçom sustentável?

Isso é induzido polas grandes multinacionais, que te doutrinam desde bem novo. Se dixessem a um ganadeiro: há dous sistemas para produzir, o intensivo e o sustentável; daria-se-lhe margem para que escolhesse. Tam só ensinam um modelo, “há que fazer assim, assim e assim”, nom podes escapar ao controlo.

Quais som as debilidades de umha exploraçom convencional?

Em intensivo trabalha-se com umhas produçons mui altas. A base principal da produçom som os cereais com animais estabulados, sem olhar a luz. Há muitos interesses de multinacionais e políticos que fôrom levando as exploraçons galegas para esse modelo. Nom controlas o teu próprio trabalho, és um meio empregado por todos. É como no caciquismo: o cacique existe igual, mais esperto, mais modernizado, com mais computadores, mais internacional... as multinacionais controlamte e nom te dás conta. Eu o que defendo muito é o sustentável, que haja que comprar o menos possível, que do princípio ao fim controles tu mesmo o que produzes. Estou profundamente convencido de que a sustentabilidade é o caminho. Em definitivo, trata-se de sermos donos do nosso trabalho, que ninguém mais o seja.

Qual é a sua estratégia comercial?

As cousas há que ir fazendo-as pouco a pouco, levam o seu tempo. Antes de pôr-te a andar há que fazer estudos de mercado, de produto, etc. E isso té-lo que fazer tu, ninguém o vai fazer por ti. Nunca saímos para vender, é o boca a boca que funciona. Nalgumha zona tivemos que deixar de fazer venda directa e agora vem a gente recolhê-lo. Eu fago caso às ventas; se vendermos hoje dez litros, nunca vamos vender nove: vamos vender onze, doze ou quinze, quem o prova nom o deixa. Na actualidade estamos a vender por volta de 1.000 litros semanais. Para nós é mui importante porque esses 1.000 litros podem acarretar noutros 6 meses outros 1.000. Estamos a conseguir umhas margens de venda superiores aos 500-600 por cento, e isso é o que demonstra que o produto funciona.

A TERRA TREME

"Há motivos para o optimismo: as estatísticas dizem que a consciência nacional e idiomática medram"

"A luita pola oficialidade do idioma é prioritária no independentismo asturiano"

FERNANDO GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, 'FER', É MILITANTE SOBERANISTA E FOI PRESO

ANTOM SANTOS / Fernando González, "Fer", é um independentista asturiano envolvido em várias luitas do país vizinho. Em 2005 foi detido pola polícia espanhola, acusado de estar por detrás de umha campanha de sabotagens, e recluído vários meses na prisom. Depois dessa estância, onde coincidiu com militantes galegos, foi condenado a dez meses por "tentativa de danos" e voltou para a rua. É autor do livro "Amarraza. 102 díes baxo la llei antiterrorista", onde expom com clareza os mecanismos repressivos em esquadras e cadeias. A obra converteu-se num verdadeiro sucesso de vendas no conjunto de livros em língua asturiana. Falamos com Fer da sua experiência e, mais em geral, das reivindicaçons identitárias asturianas, tam desconhecidas entre nós.

Conta-nos, para começar, quais som as raízes do independentismo asturiano.

O nosso nacionalismo, o nosso independentismo, é um movimento relativamente novo. Surge na etapa da chamada "Transiçom", quando pola primeira vez um grupo de gente, mormente nova, liga a causa nacional com a causa de classe. Naqueles anos, de eclosom associativa, de legalizaçom de múltiplos movimentos e associaçons, o nacionalismo asturiano fai a sua apariçom pública. O organismo que aglutina a causa chama-se Conceyu Nacionalista Asturiano, que mesmo concorre às eleiçons. Consegue, já agora, uns resultados bem dignos, que hoje custaria igualar.

Entom nom existe um nacionalismo de direita...

Pois nom. Há, se quigeres chamá-lo assim, um regionalismo, um autonomismo asturiano, que nem fala de soberania, e muito menos tem discurso de classe. É o que poderia representar o Partido Asturianista, mas sem relaçom com o que nós representamos. Pensa que a identidade forte, nas Astúrias, foi historicamente a identidade operária, a consciência de classe. Deste modo, o nacionalismo vem profundamente unido a ela.

Como evolui o independentismo?

Nos seus primeiros tempos, está mui condicionado pola aposta armada de um sector. Naquela altura, a partir da Transiçom, há umha aposta da ETA (pm) pola extensom da sua luita a todo o território estatal, aos distintos povos. Assim, constitui-se um comando dessa organizaçom com gente asturiana, que protagoniza acçons afamadas, nomeadamente expropriaçons, com roubos em sedes bancárias que foram mui badalados. Por causa de umha queda dos bascos, e graças à informaçom obtida com torturas, caem os asturianos, que vam para a prisom. Isto abre um debate mui forte no seio do nosso independentismo, que dá lugar a posturas encontradas. Durante todos os anos 80, começa a travessia no deserto do independentismo.

Em que se concreta isto?

Pois em 'cisionismo' constante: fundaçom de organizaçons, cisons, refundaçons... isto dá lugar a que muita gente, após umha pequena experiência militante, vaia para a casa. Também há sectores pequenos do nacionalismo que acabam por confluir com o autonomismo, mas sectores com pequena importáncia. Assim chegamos à década de 90, que é quando se funda Andecha Astur, no ano 1992. Nom consegue aglutinar todo o movimento, mas atinge umha representatividade importante.

Que tipo de gente compom o movimento?

Pois fundamentalmente mocidade. Algumha organizada em Darreu, que é o colectivo juvenil mais importante, ainda que funcionam outros. Depois, entra juventude através da Coordenadora Antifascista, dos centros sociais, algo semelhante ao que tendes vós na Galiza; de Sofitu, que é um organismo antirrepressivo, e de todo o mundo cultural e musical. A mocidade gosta de participar de um movimento alternativo que está a fazer Astúrias no dia-a-dia, e assim vamos vencendo diferentes obstáculos que fam com que as pessoas recuem.

> "Os inquéritos dim que mais de 50 por cento da populaçom é pola oficialidade do asturiano"

Que obstáculos som esses?

Um primeiro obstáculo é a divisom de que che falei, que afasta muita gente, farta das rupturas permanentes. E outro, que é um problema que acho que vós nom tendes, que acho que os bascos tampouco tenhem, é o peso tam grande que tem nas Astúries a esquerda espanhola -sobretodo o comunismo-, um peso histórico e mui arreigado. Estas organizaçons, comunistas, mas comunistas espanholas, atraem mocidade. Ora, dá-se um fenómeno novo, que eu acho interessante, de muita mocidade que di: sim, "as Astúrias som historicamente de esquerda, mas que acontece com a nossa identidade?". Querem ser asturianos com todas as conseqüências, defender o idioma, conhecer a verdadeira história do nosso país... e aí vem umha nacionalizaçom crescente.

Tu mesmo foste preso, e podes falar em primeira pessoa da repressom. Há umha planificaçom estrita do Estado dirigida contra vós?

Há. Repressom de baixa intensidade, controlo permanente, obstáculos à mínima actividade legal, penalizaçons em forma de multas administrativas, julgamentos. Aliás, pensa umha cousa: o nível de luita nas Astúrias decaiu muito recentemente. Porquê? Porque desmantelárom a grande empresa, atomizárom a produçom e enfraquecêrom o movimento operário, que era umha ponta de lança. No que di respeito ao independentismo, após a minha detençom o nível de confronto decaiu muito. E entom as forças repressivas tenhem quase todo o tempo do mundo para dedicar-se ao seguimento e à pressom permanente.

Já que falas da luita operária, que outro tipo de conflitos protagonizam os movimentos sociais, e nomeadamente o independentismo?

O obreirismo, contodo, continua a ser importante. Nós participamos na CSI (Corriente Sindical de Izquierdas) que, sem ser nacionalista, é asturiana, e nela militam muitos independentistas. Participamos aliás da luita contra os grupinhos fascistas, que estám a sair dos estádios timidamente (sobretodo do El Molinón) para aventurar-se na rua. E logo, umha luita importantíssima para nós é a da oficialidade do asturiano. Esta luita, promovida polo nacionalismo, move muita mais gente da que pode mover o independentismo em sentido estrito. Estou-che a falar de mobilizaçons de 5.000, mesmo de 10.000 pessoas há uns anos. Para nós isto é prioritário.

Que resposta social há a esta reclamaçom?

Mui grande. Os inquéritos do Estado dim que mais de 50% da populaçom é pola oficialidade. Também há umha minoria, umha minoria ignorante, que di ser contra; umha gente que desconhece o asturiano, que nunca o falou, e que por isso mostra umha rejeiçom irracional. Dessa base aproveita-se o PSOE para dizer que "enquanto nom tiver custo em votos, nós nom pediremos a oficialidade". De todas as maneiras, há motivos para o optimismo, porque as estatísticas também dizem que a consciência nacional e idiomática medram. Medram devagar, mas medram. E frente a isso, medra um espanholismo militante, apoiado nos meios de comunicaçom, no desporto, em Fernando Alonso, na extrema direita... Porém, penso que cada vez há mais gente nova que dá resposta a isto.

ALÉM MINHO

FÉRIAS PARA APRENDER PORTUGUÊS EM PORTUGAL

A AGAL, em colaboraçom com a entidade de intervençom cultural Andaime, organizam para este Verao na cidade do Porto cursos de português de umha semana, a escolher entre Julho e Agosto, especialmente dirigidos a pessoas galegas interessadas na expressom oral. As aulas da parte da manhá serám completadas com actividades na parte da tarde. É a primeira vez que umha entidade normalizadora galega promove a aprendizagem de outra variante da nossa língua.

CARLOS AMARAL, DO PRINCIPAL DICIONÁRIO LUSÓFONO ON-LINE QUE VAI RECOLHER LÉXICO GALEGO

“O protocolo com a AGLP permite-nos alargar o nosso trabalho à variante galega do português”

E. MARAGOTO / A Priberam é umha empresa portuguesa especialista na concepçom e desenvolvimento de software, nomeadamente nas áreas lingüística, jurídica e da saúde. A mais conhecida delas é a primeira, que dispom de ferramentas para o uso correcto da língua. O dicionário da Priberam, que vai incluir 1200 palavras galegas entre os seus verbetes na seqüência de um protocolo assinado com a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP), é talvez o mais usado do mundo lusófono, registando um milhom de consultas diárias. Por enquanto, os termos galegos já fôrom integrados no Vocabulário da Priberam, e serám incorporados ao dicionário em breve. Segundo o administrador da empresa Carlos Amaral este seria só um primeiro passo na integraçom de mais conteúdos galegos, como fraseológicos ou sintácticos.

A Galiza, com esta iniciativa, obtém um reconhecimento internacional inédito. O que vos motivou a dar o passo: estratégia comercial, sensibilidade para as diferentes variantes do português na seqüência do Acordo Ortográfico (AO) de 90 ou simplesmente a negociaçom de um protocolo com a AGLP?

Em primeiro lugar a sensibilidade para as diferentes variantes do português e que é anterior ao AO. Como fornecedor das ferramentas de revisom para português da Microsoft, sabemos a responsabilidade que pesa sobre nós na promoçom e defesa da língua e temos procurado sensibilizar empresas como a Microsoft e a Apple, entre outras, para o facto de tal como os seus produtos prevêm 15 variantes de francês, 18 de inglês e 21 de espanhol, também o português nom se resume às variantes de Portugal e do Brasil. Para além destas duas variantes para as quais já temos produtos de referência como o FLiP e o Novo Corretor Aurélio, temos vindo a desenvolver algum trabalho noutras variantes e o protocolo com a AGLP permite-nos alargar o nosso trabalho a mais essa variante do português.

> “Ajudamos a escrever bem português, seja na Galiza, em Timor ou em Macau”

Este passo é importante para a comunidade de fala galega em geral, mas sobretodo para quem defende que as falas galegas se devem grafar à portuguesa. Em que medida é consciente a Priberam disto?

Quando fomos os primeiros a disponibilizar ferramentas de revisom com suporte para o Acordo Ortográfico, antecipando-nos ao lançamento dos primeiros vocabulários, sabíamos que iríamos ter apoiantes e críticos. Apesar disso figemolo mantendo umha posiçom neutra face ao AO e deixando a escolha da grafia a utilizar a todos os que utilizam os nossos produtos e serviços. Os jornais que já adoptaram ou pensam vir a adoptar o AO utilizam o FLiP, o mesmo acontecendo em muitos outros que ainda nom o figérom. O nosso papel é facultar os meios necessários para escreverem bem em português independentemente da variante ou grafia. O protocolo com a AGLP também terá pessoas pró e outras contra mas se podemos ajudar mais um conjunto de pessoas, independentemente do seu número, a escrever bem português tendo em conta a sua especificidade, é isso que continuaremos a fazer, seja para quem quer escrever português na Galiza, em Timor-Leste ou em Macau.

Na Galiza também há pessoas contrárias a essa convergência linguística com o outro lado do Minho. Já receberam críticas por esta iniciativa?

Nom, até agora apenas felicitaçons.

O Protocolo assinado com a AGLP nom pára por aqui. Em que se vai reflectir no futuro?

O próximo passo é definir as palavras agora incluídas no Vocabulário Priberam no nosso Dicionário, o dicionário de língua portuguesa mais consultado hoje em dia. É um trabalho que já está a ser coordenado pela AGLP.

Com um milhom de consultas diárias, que importáncia podem ter as visitas provenientes de um povo pequeno como é o da Galiza?

A Priberam quer continuar a promover a língua portuguesa na sua diversidade através da disponibilizaçom de produtos e serviços à escala global. Somos a única empresa a disponibilizar esses mesmos produtos e serviços para as variantes de Portugal e do Brasil, pré e pós-AO. Mas queremos ir mais longe criando recursos específicos para todas as variantes do português.

POVOS

Para conhecermos melhor o caso portorriquenho, contamos com a iminente visita do dirigente independentista Santiago Tió à Galiza

Porto Rico: duas bandeiras, dous hinos, dous idiomas?

MAURÍCIO CASTRO / Nos últimos meses, tenho levado por diferentes pontos da Galiza umha palestra que, sem maiores pretensons, mostra as inocultáveis contradiçons do discurso dominante em relaçom às línguas e aos povos sem Estado, segundo de que caso falarmos. Foi a partir de umha reportagem que sobre Porto Rico difundiu a TVE a inícios da década de 90, e que por acaso recuperei da memória graças ao Youtube.

Nela, informa-se do conflito lingüístico na única naçom de fala hispana sem Estado da América, anexada polos EUA cuando Cuba iniciou o voo das naçons livres. O Partido Popular Democrático, em 1991, oficializou o espanhol em exclusiva, tirando essa condiçom ao inglês. Se bem essa decisom foi efémera, serviu para mostrar-nos os dous pesos e duas medidas das instituiçons espanhlas na hora de lidarem com conflitos lingüísticos: na casa, imponhem o bilingüismo oficial das 'comunidades autónomas', mas na ilha caribenha a suspensom da oficialidade do inglês valeu ao governador Hernández Colón o Prémio Príncipe das Astúrias.

> A única naçom de fala hispana sem Estado da América

A reportagem, intitulada “La batalla del idioma”, é umha pequena jóia para nós. Ao situar o espanhol na posiçom que o galego ocupa na Galiza, mostra-nos a monumental falácia em que se sustenta o discurso bilingüista. Nela desfilam todos os tópicos despectivos que aqui sofre o galego, aplicados ao espanhol de Porto Rico; e todos os nossos argumentos defensivos, aplicados ao espanhol minorizado dos boricuas.

Vejam-no se tiverem ocasiom mas, para conhecermos melhor o caso portorriquenho, contamos com a iminente visita do dirigente independentista Santiago Tió à Galiza. No dia 29 de Maio, apresenta a história do independentismo portorriquenho em Compostela, no quadro das XIV Jornadas Independentistas Galegas. A tese que nos une é clara: nengum povo opta livremente por ter duas bandeiras, dous hinos e dous idiomas.

DITO E FEITO

"Quer em associações de vizinhos, quer em qualquer outra organização: o que importa é o trabalho em coletivo"

ENTREVISTA A ESTHER HERVÉS, MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO AS MARIAS E COLABORADORA D'A VOZ DE ABAIXO

"Temos pouca informação dos problemas da nossa rua e tentamos que isto mude"

O. R. / "Era da comunicação", "geração das redes sociais"... Os termos escolhidos para dar nome à revolução informativa e relacional que estamos a viver não podiam ser menos atinados: falha mais do que nunca a comunicação, a do entorno de cada quem, a que se encontra na raiz das comunidades; falham as redes, falha a articulação social. Projetos como o periódico comunitário *A Voz de Abaixo*, que sai à rua no seu primeiro número promovido pela ativa Associação das Marias (Compostela), souberam ver as eivas duma sociedade cada vez mais individualista, mas em que ainda fica espaço para o trabalho coletivo e o interesse pelo que está a acontecer "porta com porta". A chave da mudança, não já no que diz respeito à comunicação, mas à restauração do tecido social mais básico, começa aqui. Esther Hervés contanos a sua experiência como colaboradora do periódico.

Explica-nos um pouco em que consiste o projeto d'*A Voz de Abaixo*.

A Voz de Abaixo é um projeto coletivo da Associação das Marias, de Compostela. O nosso objetivo é dar a conhecer no bairro a atividade que estamos a levar a cabo, criarmos um canal de informação entre a associação e os vizinhos. Trata-se de que o bairro se conheça a si próprio, as suas eivas e as suas realizações. Além disso, no daqui há muitas pessoas idosas, pelo que também queremos favorecer a relação entre a gente mais nova e estas pessoas, que saibam o que se está a fazer por parte dos moços e estes aprendam da experiência e memórias dos mais velhos. Neste primeiro número incluímos um artigo dum artesão que tinha uma sapataria no bairro, e a relação da vizinhança com ele. Outro dos temas são as possíveis manifestações que pensamos fazer entorno ao trânsito rodoviário e às barreiras arquitectónicas que ainda permanecem como obstáculos insuperáveis para a gente com menor mobilidade. Há também um especial sobre as festas do bairro de setembro, com um relatório com fotos, e outra seção chamada "lembrando o bairro", uma atividade da Associação em que pessoas idosas falam das festas de há anos. Umas páginas são dedicadas a comentar com a vizinhança as diferentes reuniões que temos mantido com as Conselharias, às quais fizemos reclamações que na maioria dos casos não foram ouvidas.

Como surgiu a ideia de criardes um periódico comunitário?

> "Tentamos que o bairro se conheça a si próprio, as suas eivas e realizações"

A ideia surgiu através de gente do Pichel que também está nas Marias, e ao resto pareceu-nos muito interessante. Existe no bairro certa reticência quanto à associação, de modo que pensamos que seria um jeito ótimo de que gente entrasse a participar e soubesse o que se está a fazer. Procurou-se que fosse "a voz da gente"; um espaço para que se proponha e se critique. Nesse sentido, este número inclui também um inquérito para que avaliem as atividades das festas.

Qual é o funcionamento interno do periódico?

Ainda não adquirimos uma dinâmica de funcionamento. Repartimos o trabalho entre a gente da associação numa juntança onde cada quem escolhe o tema de que mais gosta, e o resto coorde-

> "Os meios empresariais não oferecem uma cobertura real da vida dos bairros"

namo-lo através do correio electrónico. Mas como estamos ainda no primeiro número não che poderia dizer qual é o funcionamento regular.

Está a haver já resposta por parte da vizinhança?

É cedo de mais para falarmos disso, mas a gente que se foi achegando à publicação deu-nos os parabéns. Consideram que é uma maneira de se conhecerem as atividades. Também houvo alguma crítica, como a de uma pessoa que nos comentou que não gostava demasiado da tipografia porque lhe recordava à de *La Voz de Galicia*.

O que diriades à gente que esteja pensando em pôr a funcionar um periódico comunitário na sua zona?

Sobretudo, que se anime. Arran-

> "Queremos criar um canal de informação entre a associação e os vizinhos"

car é sempre complicado, dá preguiça pensar em todo o trabalho que há por fazer. Mas se for bem repartido, não há problema nesse sentido, sempre acabam por surgir mais ideias das que se podem incorporar num número. O interessante é que a gente participe em atividades coletivas, que incorporemos essa dinâmica de trabalho desde já ao nosso dia a dia.

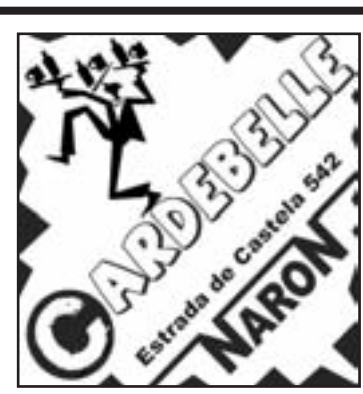
Como avalias a atividade duma associação como a das Marias numa sociedade como a atual, cada vez mais individualista?

> "Procurou-se que fosse "a voz da gente"; um espaço para que se proponha e se critique"

Eu penso que é crucial, claro. Tanto nas associações de vizinhos como qualquer outra organização, o importante é o trabalho coletivo. O tipo de vida que levamos provoca que nem sequer conheçamos a gente de porta com porta, que tenhamos mais informação do que acontece pelo mundo fora que dos problemas da nossa rua. Cumpre aproveitar o conhecimento dumas pessoas, as formas de expressão artística que proponham outras, e fazer uma partilha destas experiências e saberes para nos enriquecermos todas. Criar debate, procurar consenso,...eis a chave do trabalho coletivo.

Que opinas do tratamento que recebe a informação local, de cada bairro, nos grandes meios empresariais?

Os meios de comunicação empresariais, quando se referem aos bairros ou sítios pequenos, é quase sempre por notícias negativas. E quando as incluem positivas, adoita ser com fins políticos, de autopropaganda. Pensa: quando se fala duma obra num meio deste tipo? Quando dá problemas ou quando se inaugura, mas nunca se analisa mais nada. Acho que não dão uma cobertura real da vida diária; cumpre reflectir também todo o trabalho em positivo que se está a fazer em cada sítio.



PALESTRA

Confrontamos duas perspectivas a respeito da utilizaçom do ridiculismo como ferramenta de intervençom e denúncia

Ridículo "ismo"

Xoán R. Sampedro

A apariçom insisitente nos últimos tempos do autodenominado "ridiculismo" galego está a pôr em cima da mesa mais perguntas, dúvidas e mesmo incomprensons das que caberia aguardar. A ninguém deveria surpreender que num país com a tradiçom antroideira que tem a Galiza o activismo lúdico, de paródia, "de escarnho e maldizer", tome um espaço na rua. Mesmo o surpreendente seja talvez que o soberanismo nom tenha feito uso mais habitualmente dessas práticas que nom deixam de ser um modo, mui molesto enquanto pouco criminalizável, de expor publicamente o mais fraco e perverso do discurso colonial.

Mas nom é aí que recai a questom. Nom há dúvida quanto à utilidade da via da paródia como um método de luita entre muitos dos quais um movimento emancipador tem que botar mao. Do mesmo jeito, qualquer outro tipo de práticas ligadas à criaçom de interferências no discurso mediático dominante e à irrupçom no seio do espectáculo, pondo-o de pernas para o ar com a sua própria linguagem ou os seus próprios ícones.

Porém, que o chamado "ridiculismo" faga isto deve ser, quando menos, debatível. Ou, mais em concreto, que o faga o suficiente. Quando o ridiculismo se disfarça da Espanha "canhi", está a disfarçar-se de umha caricatura que os próprios espanhóis tenhem construído sobre eles mesmos e sobre sectores da sua populaçom dominantes na etapa política que deu pé ao actual Reino da Espanha. O nacional-catolicismo de cigarro havano, uniforme militar e óculos de sol baixo pálio é, contodo, minoritário e marginal no Estado. Até que ponto nom fai favor ao espanholismo do grupo PRISA e Baltasar Garzón ridiculizarmos o rançoso passado que os fai bons?

Por outra parte, muito mais relevante, está a questom do projecto político, da separaçom pretendida com outros sectores do soberanismo e do anticapitalismo galegos. A ruptura com as tácticas mais combativas, que é muito mais do que umha diferença táctica. A crítica paternalista, só compreensível desde a soberba, de quem pratica as sabotagens como um jeito de reduzir a calma e a

> Até que ponto nom fai favor ao espanholismo de PRISA e Garzón ridiculizarmos o rançoso passado que os fai bons?

> A ruptura com as tácticas mais combativas é muito mais do que umha diferença táctica

"normalidade democrática" em que nos dias de hoje se desenvolvem as manifestaçons, tem a sua origem numha distáncia política mais profunda. Em boa medida, os autodenominados "ridiculistas" venhem a ser a representaçom política - em sentido amplo- de um certo soberanismo cívico, cidadanista, que aceita as regras do jogo e, isso sim, procura e consegue anovar as práticas dentro das margens da legalidade vigente.

Com toda a legitimidade, um certo movimento procura um espaço no soberanismo. Mas quem seguir os passos desta corrente, que toma o nome de umha prática, a da ridicularizaçom do espanholismo, poderá ter comprovado que o único posicionamento político concreto, além do antiespanholismo e a reivindicaçom da história nacional, é o da condenaçom das sabotagens com pintura ou a queima de umha bandeira nas manifestaçons pola língua. Umha estratégia de separaçom desnecessária e provavelmente mui útil para o Estado num futuro. Os independentistas "bons" e nom-violentos vs. os independentistas radicais. Umha separaçom que, ademais de ofensiva, nom deixa de mostrar fraqueza democrática por parte de quem condena e deslegitima umhas práticas que, oportunas ou nom, em nenhum caso devem ser condenadas por ninguém mais que um tribunal que é, nesse caso sim, ilegítimo à nascença para quem for democrata.

Sobre o novo, o legítimo e o eficaz

Isaac Lourido

A discussom sobre programas e estratégias nom deve ser recebida como inesperada em nengum movimento social. A apariçom de vozes críticas no ámbito do nacionalismo galego perante o auge do ridiculismo como prática reivindicativa (auge significativo quanto à diversificaçom de ámbitos de mobilizaçom e à acumulaçom de energias) constitui um bom exemplo do que se quer indicar. Conflitos em volta da *legitimidade*, da *representatividade* ou mesmo da *idoneidade* ficam representados num debate, se calhar magnificado, para o qual achegarei três hipóteses:

1. *O ridiculismo nom é novo*. O emprego do humor e da paródia, como formas de deixar em evidência a face impositiva e mesquinha do poder que se combate, constitui um dos repertórios clássicos de toda tradiçom resistente, também da galega. Contrabalançar e desintegrar simbolicamente o que está inscrito no senso comum da cidadania como sendo natural e evidente (por exemplo, o dever de sentir a selecçom espanhola de futebol como a única *própria*) tem encontrado historicamente um viveiro bem fértil nas estratégias de propaganda que, na sua desproporçom e na sua argumentaçom falaz, nem sempre som previstas pola a prática ridiculista: estremar a desproporçom e a falácia, desvendar a imposiçom. Como tampouco é inédito o aproveitamento do humor para rever e actualizar os mitos da tradiçom resistente, mesmo em sentido terapêutico e revitalizador.

2. *A avaliaçom das diferentess estratégias deve ser ligada a critérios da adequaçom e eficácia*. Quer dizer, à capacidade para saber enfrentar com as ferramentas ajeitadas cada situaçom de protesto e à obtençom de resultados concretos que, embora difíceis de quantificar, acho devem ser localizados sobretodo na mudança dos imaginários e dos esquemas de experiência da cidadania. Semelha que, precisamente neste sentido, a estratégia ridiculista aprendeu a jogar com habilidade e com audácia num campo e com umhas regras que venhem marcadas, os da sociedade da informaçom e do consumo. Aproveitando as fírgoas do discurso mediático-espectacular para a criaçom de células intersticiais, molestas, e mais dificilmente manipuláveis polo inimigo.

> O ridiculismo aprendeu a jogar com audácia num campo com regras marcadas, os da sociedade da informaçom e do consumo

3. *A força dum movimento social mede-se na diversidade e na flexibilidade dos seus repertórios*. A aposta na estratégia ridiculista nom nega a vigência nem a operatividade, dependendo de espaços e momentos, dos repertórios da resistência clássica. Quer-se dizer com isto que acreditar no ridiculismo como prática de contestaçom eficaz nom significa manifestar a incompatibilidade com outros formas de movimentaçom. Acho, isso sim, que a colocaçom de estratégias específicas nunca pode ser formulada como umha liçom de que devem aprender as/os parceiras/os. Trata-se de detectar os modos de contestaçom que se ritualizárom e perdérom efectividade (risco de que nom está isento o ridiculismo). Também de se estar alerta perante a divisom e o enfraquecimento que podem provocar os termos dalguns debates. E de se ter em conta que isto último é fazer o jogo a um inimigo comum que tanto mais seguro estará quanto mais previsíveis e menos dinámicas forem as acçons que tem de reprimir.

ERRATA

No terceiro parágrafo do artigo da Palestra intitulado 'Algumhas tradiçons a nom conservar' do passado número ocorreu o seguinte erro de ediçom: onde dizia "As organizaçons animalistas e ecologistas batem frequentemente com algumha incomprensom ao denunciarem e criticarem as touradas" o autor nom se referia às touradas, mas às práticas tradicionais com animais referenciadas no parágrafo anterior.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar
Sta. Marinha · Ginzo de Límia

Arrincadeira
C. Histórico · Riba d'Ávia

C.S. Almuinha
Ezequiel Masoni · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

LSO Atocha Alta 14
Monte Alto · Corunha

Atreu!
S. José · Corunha

Aturujo
Principal · Boiro

A Casa da Estación
Ponte d'Eume

A Casa da Triga
P. Maior · Ponte Areias

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

A Esmorga
Telheira · Ourense

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

A Formiga
Redondela

A Fouce de Ouro
Bertamiráns · Ames

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

O Guindastre
Xulián Estévez, Teis - Vigo

Henriqueta Outeiro
Quir. Palácios · Compostela

Mádia Leva
Amor Meilám · Lugo

SRCD Palestina
Rua do Ril · Burela

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revira
Gonzalo Gallas · Ponte Vedra

A Revolta
Rua Real · Vigo

Sem um cam
Rua do Vilar, 9 · Ourense

Setestrelo
Perez Viondi, 9 · Estrada

Tarabela
Donramiro, 17 · Lalim

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS VagaLume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

A FUNDO

O processo de concentrar na Sogarisa a massa principal de 'fuel', areia e plásticos, demorou sete anos

Enterro de primeira nas Somoças para o petróleo procedente do Prestige

O 'CHAPAPOTE' SÓ REPRESENTA 1 POR CENTO DOS RESÍDUOS DO NAVIO QUE FÔROM RECICLADOS

M.L. / A poluiçom produzida polo Prestige na beira-mar tivo ao cabo de oito anos um enterro de primeira: a maior parte das 80.000 toneladas de material ranhado nas praias polo voluntariado, acaba deitado debaixo dum monte de areia na instalaçom da Sociedad Gallega de Residuos Industriales (Sogarisa) situada nas Somoças. A cerimónia custou mais de quatro mil milhons das antigas pesetas só nesta fase final daquilo que a Sogarisa e a Junta chamam "reciclagem".

A garantia de reciclagem de 90/95 por cento dos restos, repetida nestes anos pola empresa de participaçom autonómica Sogarisa, e subscrita polos governos do PP e do PSOE/BNG, traduziu-se em que a própria areia apenas desagregada do petróleo mediante a lavagem numha tremonha gigante, será empregue para cobrir o fojo. Só 482 toneladas de hidrocarboneto se salvárom depois de serem tratadas oitenta mil toneladas de resíduos. Esta quantidade representa 1% dumha ingente massa de material que, nos primeiros meses a seguir ao desastre, foi transportada a altíssimo custo dos areais para as balsas situadas na Laracha, Cerzeda e as Somoças e que posteriormente fôrom concentradas nas instalaçons da Sogarisa para umha anunciada desagregaçom fina.

Antes desta fase superior de reciclagem, a Junta viu-se na obriga de aceitar o abandono dumha enorme balsa de areia e piche na Laracha, ao considerarem os técnicos que a extracçom e transporte para as Somoças multiplicaria os problemas de poluiçom.

O processo de concentrar na Sogarisa a massa principal de petróleo, areia e plásticos, demorou sete anos. Em abril de 2008, a Conselharia do Meio Ambiente definiu como "autêntica passagem do Equador" o tratamento de 30.000 toneladas métricas de areia e petróleo em Cerzeda, numha unidade móvel instalada pola Sogarisa. De a pouco, os responsáveis encaravam alvoroçados a conclusom do oneroso processo graças à instalaçom dumha fábrica de nova planta nas Somoças, consistente num tambor de lavagem para areia e em separadores gravimétricos anexos. Confirmados os subsídios da Autonomia, do governo de Madrid e de Bruxelas, a direcçom da Sogarisa anunciou que o País contava por fim com meios para afrontar um novo Prestige, ainda que estes nom consistissem na designaçom dum porto de abrigo ou num sistema de vigilância melhorado. Tam entusiasta declaraçom tornava o "nunca máis" em "podem vir mais umha vez".

No entanto, o anúncio de que a quantidade final a tratar era de

> Só 482 toneladas de hidrocarboneto se salvárom depois de tratar oitenta mil toneladas de resíduos

60.000 toneladas nom quadrava com o total anunciado de 80.000 toneladas. A demasia nom cativa de 10.000 toneladas é atribuída à enorme quantidade de água que a areia contaminada recebera nas balsas. De certo, as cifras da poluiçom terrestre do Prestige variárom em quantidades escandalosas mentres durou a procelosa procissom dum fojo para o outro. Em 2003, nove meses depois do afundamento do Prestige, com toda a costa galega abalada ainda pola poluiçom de petróleo de alta densidade, um completo estudo da Universidade de Santiago, elaborado polos professores C. Tato e P. Pérez, precisava a quantidade exacta de lixo altamente poluente a tratar em 69.453 toneladas métricas.

Esta quantidade resultava de somar 19.494 toneladas guardadas na empresa Protección Medioambiental (Pma) da Laracha, 29.998 toneladas depositadas em fojos habilitados pola Sogarisa em Cerzeda, onde as empresas Limeisa e Areosa se responsabilizavam por outras 20.000 toneladas de petróleo misturado com mais desperdícios.

Contodo, a Sogarisa, em controlo pleno da etapa derradeira de reciclagem, anuncia num gráfico as quantidades definitivas que consistem em 80.688,50 toneladas métricas de refugalho das quais 20.000 já foram tratadas pola mesma empresa em Cerzeda.

Nos resultados finais, a maior parte do material recolhido consistia em água: um total de 21.947 toneladas que representavam 27% do conteúdo das balsas. Os materiais dos restos terrestres da desfeita que seguem em importáncia quantitativa som as areias e argilas, com 23% e 18% respectivamente. Em sentido decrescente estám as lamas (16%) volumosos (10%) gravas e finos (5%) e as duas rubricas derradeiras som as dos plásticos e hidrocarbonetos, com 1% do tal cada umha.

Ramón Blanco, director industrial da Sogarisa, garantia em 31 de outubro de 2008 que "praticamente o total" do lixo armazenado no centro seria reciclado. O responsável anunciava a recuperaçom previsível de 8% de fuel puro a partir do tratamento de 60% de areia mui poluída, impregnada de piche. Blanco certificava daquela que os plásticos constituíam 12% e a água 20%. No estudo da Universidade de Santiago, publicado em 2003, constatava-se que todos os contentores do piche estavam cobertos polo que nove meses depois da recolha nas praias, as balsas apareciam secas.

Apenas López-Sors está imputado como responsável por parte do Estado

H.C. / A juíza de Corcubiom, Carmem Veiras, abriu por fim o caminho para a fase final do processo judicial do Prestige em 5 de Maio passado, prevendo-se que a audiência de julgamento irá decorrer em finais do ano em curso. A nova imputaçom do ex-director geral da Marinha Mercante, José Luis López-Sors, permitiria a possibilidade de que a justiça condenasse o Estado por negligência, forçando-o a ter que se responsabilizar pola indemnizaçom das mais de duas mil pessoas e entidades danificadas.

O julgamento polo naufrágio do Prestige poderia coincidir com o oitavo aniversário do sinistro, conforme as previsons mais optimistas. Carmen Veiras Suárez iniciou o processo em que o Ministério Público e as partes poderám apresentar as acusaçons e solicitar a abertura da fase oral. A demora na instruçom de um sumário de tal envergadura e relevância deveu-se ao desleixo dos altos poderes da judicatura espanhola, ao nom tomarem medidas excepcionais para evitar que o pequeno tribunal de Corcubiom fosse incumbido de tramitar um caso que acumula cerca de trescentas mil folhas, tem 2.090 partes processuais e por volta de duas mil e trescentas entidades e pessoas afectadas, tal como analisou o NOVAS DA GALIZA no seu número 66.

O ex-director geral da Marinha Mercante, José Luis López-Sors, figura finalmente na lista de imputados pola catástrofe depois de que a Audiência Provincial da Corunha contradixesse à Juíza e ao Ministério Público, que decretárom que nom existiam "indícios racionais de criminalidade" na gestom da crise, dando por boa a decisom de afastar o navio das costas, o que para especialistas no ámbito contribuiu para que este acabasse por afundar.

O escrito da Audiência Provincial nom deixa lugar a dúvidas: pode haver responsabilidade criminal, dado que López-Sors foi quem ordenou afastar o barco do continente, implicando umha "contribuiçom trascendente a um resultado que piorou o dano ao ecossistema já causado", podendo ter incorrido em "imprudência grave". Refere ainda a falta de eficiência nas decisons tomadas e assinala que o responsável da Administraçom incorreu em "censura penal" ao "confiar exclusivamente à sorte ou ao acaso o destino do navio". Menciona a existência de "erros clamorosos na gestom", todo o contrário do que Veiras Suárez –vinculada familiarmente ao PP– considerou na instruçom, actuando como juíza e parte.

No entanto, ficam fora das imputaçons o capitám do rebocador Ria de Vigo, os inspectores do barco e a entidade classificadora.

TRATAMENTO DOS RESÍDUOS DO PRESTIGE

FRACÇOM	TONELADAS	%
ÁGUA	21947,08	27
AREIAS	18405	23
ARGILAS	14430	18
LAMAS	12800	16
VOLUMOSOS	8000	10
GRAVAS E FINOS	3668	5
PLÁSTICO	956	1
HIDROCARBONETOS	482,42	1

A DENÚNCIA

Há 14 Centros de Dia construídos e equipados paralisados na actualidade, deixando desatendidas seiscentas pessoas

Empresas privadas invadem estruturas duns serviços públicos cada vez mais precários

JUNTA DESMANTELA O TECIDO ASSISTENCIAL REDUZINDO ORÇAMENTOS E EXTERNALIZANDO PRESTAÇONS

H. CARVALHO / O pretexto da austeridade que Feijoo chefia para justificar as suas decisons mais polémicas serve-lhe para empreender agora um processo de desmantelamento dos serviços públicos que afectará os sectores sociais mais desprotegidos e porá em maos de empresas prestaçons básicas para a atençom da cidadania. Ensino, Saúde, Serviços Sociais e outras áreas fundamentais para o bem-estar colectivo enfrentam recortes orçamentários a todos os níveis enquanto boa parte da sua gestom passa a ceder-se a capitais privados. O NOVAS DA GALIZA analisa o processo privatizador e examina a precarizaçom dos bens públicos.

O governo do PPdeG avança na desestruturaçom dos serviços públicos mais básicos, reduzindo os orçamentos em todas as áreas e fomentando a entrada de capitais privados em diferentes ámbitos de gestom. Seguindo a linha neoliberal imperante nas administraçons europeias, procede a externalizar funçons que tradicionalmente vinham sendo competência do aparelho público.

Da era Fraga e do bipartido herdou um bom número de fundaçons, entidades paralelas à administraçom e diversas instituiçons ligadas à Junta mas com fórmulas de gestom equiparáveis às das empresas privadas. Recentemente, Núñez Feijoo anunciava um plano para reduzir no prazo dum ano o número dos conhecidos popularmente como 'chiringuitos' –como as questionadas Fundaçons Comarcais– com o objectivo de conseguir "umha administraçom pública mais pequena" com a justificaçom de diminuir as despesas. No entanto e de maneira simultánea, continua a engrossar o número de assistências técnicas entregues a sociedades amigas ou a realizar concessons que poderiam ser desenvolvidas polo pessoal da própria administraçom.

Em 25 de Abril passado por volta de 5000 pessoas manifestavam-se em Compostela "Em defesa dos serviços públicos", alertando para o perigo que estes correm no caso de serem levados a cabo os planos anunciados polas diferentes Conselharias do PP e instando a administraçom a

recuperar prestaçons externalizadas e consolidar e fortalecer aquelas que som já públicas.

Maos privadas no público

O financiamento privado para a construçom e gestom das infraestruturas sanitárias é o modelo escolhido polo gabinete de Pilar Farjas, como abordava em profundidade o número 88 deste jornal, hipotecando o futuro do próprio serviço universal ao gerar gastos dificilmente sustentáveis e privatizar aspectos fundamentais para o cuidado da saúde.

No ensino, mais de dez por cento dos orçamentos -259 milhons- vam já para o ensino concertado e a Conselharia da Educaçom procedeu a suprimir a gratuidade dos livros de texto. Igualmente, as escolas unitárias –de vital importância nas áreas rurais– estám a ser eliminadas de forma paulatina. Outro dos ámbitos atingidos som as cantinas públicas no interior do país: 18 cantinas escolares vam ser privatizadas ou directamente desmanteladas, forçando centos de menores a mudarem de escola ou

> Educaçom destinou 260 milhons para o ensino concertado e suprimiu a gratuidade dos livros de texto

a pagarem directamente a comida a empresas. O caso de Vilatuxe, em Lalim, é sintomático: depois de se reduzirem postos de trabalho, um só cozinheiro deverá cozinhar para 70 escolares, pôr as mesas, servir e limpar.

O mundo agrícola e pecuário também é prejudicado polas políticas de reduçom do público, com privatizaçons de entidades de serviços e a precarizaçom em pessoal e recursos das Oficinas Agrárias Comarcais, que deixárom de prestar funçons de aconselhamento e dinamizaçom para se converterem em simples assessorias para a gestom burocrática.

A coordenaçom de meios e a extinçom de incêncios, tarefas que já estavam a ser realizadas pola sociedade paralela Seaga, passam a ser agora exercidas pola empresa Nanutecnia SL. Se bem que o modelo de contrataçons de pessoal vai ser semelhante, o facto de as tarefas de combate aos incêndios e, em especial, a coordenaçom recaírem numha empresa privada poderá afectar a qualidade do serviço.

Serviços sociais retrocedem

A conselheira Beatriz Mato anunciou recentemente a absorçom do Consórcio Galego de Igualdade e Bem-Estar pola Agência Galega de Serviços Sociais, entidade cuja criaçom estava prevista na Lei 13/2008 que promovera Anxo Quintana para equiparar os serviços sociais aos principais serviços públicos -como o ensino ou a saúde-, o que foi considerado polos nacionalistas um marco na história da defesa destas prestaçons. No entanto, o desenvolvimento parcial desta lei nom impediu que o governo Feijóo fosse desmantelando de maneira progressiva boa parte do tecido constituído pola anterior Vice-Presidência. A privatizaçom de Centros de Dia –que atinge já 7 municípios– ou o despedimento de 61 trabalhadores e trabalhadoras da Igualdade e Bem-Estar mostram às claras a orientaçom dos `populares`. Para mais, 14 Centros de Dia construídos e equipados estám paralisados na actualidade, deixando assim desatendidas as seiscentas pessoas que aí iriam ser assistidas. Está previsto que a gestom recaia em maos privadas, a mesma fórmula escolhida para as residências de pessoas idosas.

A este respeito, a Plataforma em Defesa do Sistema Público Galego de Serviços Sociais critica abertamente que se esteja a "fazer negócio em centros construídos e postos em andamento com fundos públicos". Esta coordenadora, de recente criaçom, agrupa 36 municípios, 46 entidades sociais, assim como colégios profissionais, sindicatos, partidos e pessoas a título individual.

Reivindicaçons contraditórias

A manifestaçom que percorreu as ruas de Compostela em 25 de Abril passado foi convocada maioritariamente por organizaçons do movimento sócio-político do BNG e por esta mesma formaçom nacionalista. Fontes consultadas do ámbito sindical consideram "patética" a atitude desta frente por "dizer umha cousa na oposiçom e fazer todo o contrário quando governa". Destacam que "na administraçom local o BNG privatiza em todos os Concelhos onde governa". E referem ainda a criaçom de entes paralelos como o próprio Sogaserso ou o Seaga, ou a utilizaçom reiterada de recursos como assistências ou concessons a empresas afins consideradas desnecessárias por sindicatos e que entrariam em contradiçom com as reivindicaçons da marcha de finais de Abril.

O governo bipartido PSdeG-BNG constituiu 17 novos organismos semipúblicos desde a administraçom e mantivo a gestom privada, por exemplo, dos parques de bombeiros, um caso único nas administraçons do Estado.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a
NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

NOVAS DA GALIZA

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

EM ANÁLISE

Mais de mil trabalhadores do metal da província de Ponte Vedra estám actualmente no desemprego

A luita dos desempregados do naval visibiliza um sector que sobrevive em condiçons escravistas

A DESREGULAMENTAÇOM DA CONTRATAÇOM E OS CORTES DE DIREITOS DOMINAM O METAL PONTEVEDRÊS

A.L. / No mês de setembro de 2009, após a greve do metal da província de Ponte Vedra, veio a saber-se que os sindicatos CCOO e UGT estavam a negociar a desapariçom da Bolsa de Emprego, um mecanismo que regulamentava a contrataçom no sector. Mentres, centos de trabalhadores estavam a perder o emprego, devido à decisom da patronal de os substituir por mao de obra barata. Face a esta situaçom, e com os sindicatos dando-lhe as costas, os desempregados decidem organizar-se e começar mobilizaçons. Nos estaleiros, onde mandam as empresas, as liberdades sindicais som reprimidas e pioram as condiçons de trabalho.

Foi em finais do ano passado que a luita do sector do metal da província de Ponte Vedra por um convénio digno chegou ao ponto final. E nom foi o melhor remate que a classe operária podia aguardar. Naquelas datas os sindicatos espanhóis CCOO e UGT pactuavam com a patronal um documento que, marcando uma vigência de três anos, eliminava a Bolsa de Emprego –um mecanismo que fora estabelecido no anterior convénio colectivo, mas que nunca chegou a funcionar da maneira adequada.

Hoje, a paisagem dos estaleiros vigueses é desoladora. Mais de mil trabalhadores do sector naval estám na actualidade no desemprego, mentres as empresas contratam mao de obra barata para suprirem o pessoal que despedem. Os empresários nom tenhem medo de dizer aos operários que "polo que cobras tu, poderiam trabalhar três pessoas". E cumprem as ameaças. Mas, além da mudança no modelo de contrataçom, as empresas abrírom também umha caça cujo objectivo som os trabalhadores e os delegados sindicais mais combativos. Entretanto, as condiçons de trabalho pioram e a patronal culpa de todo à crise.

ACAMPAMENTO dos desempregados do naval perante a delegaçom da Junta em Vigo

O que era a Bolsa de Emprego?

A Bolsa de Emprego era um mecanismo que procurava regulamentar a contrataçom no sector naval. Regia-se pola Disposiçom Adicional V do Convénio Colectivo de 2006 e elaborava umha lista dos operários que ficavam sem trabalho. De modo que, para contratarem alguém, as empresas deveriam recorrer a esta lista e recrutarem a pessoa que era indicada no termos da Bolsa de Emprego. "Os empresários nom podiam escolher arbitrariamente", explica um membro da Assembleia de Desempregados do Naval. A ordem que seguia a listagem tinha como referência o tempo que levava desempregado o operário, a quem era exigida experiência profissional e um ano de antigüidade nalgumha empresa do sector.

A Bolsa estabelecia duas listas, A e B. A lista A incluía aqueles trabalhadores que tinham polo menos um ano de antigüidade, enquanto que a lista B continha a relaçom dos operários que queriam começar a trabalhar no naval.

Mas com o novo convénio esta ferramenta desaparece e aparece um cartom profissional do naval necessário para se trabalhar em qualquer empresa do sector, para o qual tam só som requeridos doze meses de experiência no sector e a realizaçom de cursos de formaçom. Após o acordo do ano passado, continuou a reunir-se umha Mesa do Naval -da qual fam parte a patronal e os sindicatos CCOO, UGT e CIG- na que abordam este novo passo cara a precariedade laboral.

As condiçons deste novo cartom profissional seguem os parámetros dum acordo assinado em setembro de 2008 no Ministério da Indústria entre os sindicatos CIG-Metal, CCOO, UGT e LAB e empresas do sector naval.

A Assembleia de Desempregados fijo da Bolsa de Emprego a sua reivindicaçom principal face a situaçom que trás da greve do metal de 2009 se estava a dar no sector, quando centos de trabalhadores foram despedidos, enquanto as empresas contratavam mao de obra barata para os substituir. A Assembleia nasceu no mês de setembro de 2009, quando ficou a saber-se que se estava a negociar a aboliçom da Bolsa. "Nós queríamos arranjá-la ou substituí-la por um outro mecanismo que funcione. Nom nos sentimos representados pola Mesa", afirma um dos seus membros.

> Com a volta ao trabalho após a greve, viveu-se um período de repressom sem precedentes

Desempregados mobilizam-se

Foi nesse mês de setembro de 2009 que fôrom convocadas as primeiras mobilizaçons da Assembleia de Desempregados. A primeira acçom foi umha concentraçom diante do Ministério do Trabalho, tendo-se logo umha audiência com a Inspecçom do Trabalho. Seguiu-se umha concentraçom diante do estaleiro da Barreras, onde se quijo também fazer umha assembleia de trabalhadores, cujo desenvolvimento foi impedido pola repressom empresarial. De fundo, na Mesa do Naval negociava-se a aboliçom da Bolsa de Emprego.

No mês de fevereiro o número de desempregados passou de 400 para 800 e as mobilizaçons ganhárom mais força. Nesse mês um grupo de desempregados fechou-se na enfermaria da Barreras, mas na primeira noite as Forças de Segurança do Estado irrompérom botando abaixo a porta e desalojárom-nos. Dias depois, os desempregados convocárom para outra assembleia de trabalhadores na Barreras, "subidos ao portalom porque nom nos deixavam fazê-la". Os furgons da Polícia Nacional aparecérom, mas a atitude dos operários impediu a investida policial e os trabalhadores marchárom em manifestaçom polos estaleiros.

Em fevereiro, tivo lugar um dos protestos que mais repercussom alcançou, quando dous desempregados subírom a um guindaste para pedirem a readmissom. Aguantárom alô dous dias, mentres a empresa lhes fechara a corrente no guindaste e impedia que se lhes subisse nenhum tipo de material. Março começou com um acampamento diante da Delegaçom da Junta em Vigo que se alongou durante 46 dias. Cerca de 40 pessoas resistírom nos jardins de Montero Rios durante este tempo.

Já ao final do acampamento denunciárom que se sentiram instrumentalizados polos sindicatos, que estavam enleados numha luita contra a Administraçom. A CIG acusava CCOO e UGT de assinarem modificaçons do convénio, enquanto a patronal, ASIME, assegurava que o sindicato nacionalista também aprovara a desapariçom da Bolsa de Emprego.

O seu confronto com os sindicatos explicitou-se quando neste mês de maio, várias pessoas desempregadas afiliadas à CIG montárom umha candidatura para o Congresso da CIG-Metal que foi rejeitada pola Executiva desta federaçom sindical, num processo eleitoral em que os desempregados já apresentaram um requerimento de impugnaçom polas irregularidades que apreciárom.

Repressom nos estaleiros

Com a volta ao trabalho após a greve do metal pontevedrés no passado ano, nos estaleiros viveu-se um período de repressom sem precedentes. Tal como explicam os desempregados, aqueles delegados sindicais mais combativos foram transferidos para outras empresas, umha táctica que procurava romper a unidade sindical e a organizaçom dos trabalhadores. Na actualidade, "já um simples panfleto é motivo para que a direcçom do estaleiro diga ao teu chefe que nom és grato para a empresa". Os factos promovidos polas empresas levam a clara mensagem de que aquele que protestar irá ficar na rua.

Ademais das violaçons ao direito de reuniom, as empresas apertam a correia piorando as condiçons laborais. "Há um recorte salarial, na segurança, nas liberdades... ", denunciam os desempregados. A suba do preço das horas extras ajuda também a maniatar o operário. Entretanto, o salário base vai diminuindo, muitos trabalhadores som forçados a ter que fazer jornadas desumanas para conseguirem dinheiro. Os empresários pugeram a crise como desculpa para levar adiante um sistema que beira o esclavagismo.

MEDIA

Repórteres Sem Fronteiras veste de humanitária umha agenda marcada polo Governo dos USA

ROBERT MÉNARD
foi o principal impulsor de
Repórteres Sem Fronteiras

Propagandistas sem fronteiras

No passado dia 3 de maio comemorou-se a data anual, assinalada pola ONU, do Dia Internacional da Liberdade de Imprensa. Instaurada em 1993 por iniciativa da UNESCO, a data visa "fomentar a liberdade de imprensa no mundo ao reconhecer que umha imprensa livre, pluralista e independente é um componente essencial de toda sociedade democrática". Por ocasiom de tal data, e como vém fazendo desde 1989, a Repórteres Sem Fronteiras tornava público o seu relatório de "Predadores da Imprensa", salientado mais um ano como referência informativa por boa parte da imprensa empresarial. Não faltam, porém, vozes críticas a denunciarem o papel de apoio propagandístico da RSF ao serviço dos interesses do neo-liberalismo e o imperialismo no campo comunicacional.

X. R. SAMPEDRO / A Repórteres Sem Fronteiras foi fundada na França em 1985 com o objectivo, paradoxalmente, de fomentar o "jornalismo alternativo ou independente. No entanto, decorridos poucos meses, só um dos três jornalistas fundadores continuava na organizaçom, dedicada desde entom à "luita pola liberdade de imprensa e à denúncia das violaçons de direitos humanos em todo o mundo". Robert Ménard, conhecido na altura por ter sido o impulsor da Associaçom Para a Libertaçom das Ondas (de defesa das rádios livres e comunitárias) foi o secretário-geral da organizaçom até 2008, e a alma mater deste projecto posto ao serviço dos interesses estratégicos estadounidenses. O relevo que a imprensa empresarial dá anualmente ao seu Relatório sobre a Liberdade de Imprensa no Mundo e à lista de Predadores de Imprensa tem feito com que, mesmo por riba dos organismos da ONU, a voz desta suposta ONG seja a elevada como quase a única voz experta e garante da Liberdade de Imprensa.

Por trás desta relevância mediática há, porém, umha rede de financiamento que mergulha as raízes fundamentalmente no Departamento de Estado estadounidense, e que cumpre tirar à luz para se obter um retrato exacto da situaçom. Como tem sido denunciado a nível internacional em repetidas ocasions, e já tratava em profundidade o número 42 de NOVAS DA GALIZA, a organizaçom com sede em Paris recebe cada ano subsídios da Fundaçom Nacional para a Democracia (National Endowment for Democracy, NED), um ente criado durante o governo de Ronald Reagan nos Estados Unidos com a finalidade de "promover a democracia" no mundo. O seu financiamento é aprovado cada ano no Congresso estadounidense, no capítulo dos orçamentos do Departamento de Estado, e posteriormente dedicado a projectos por todo o mundo através doutros entes privados. No caso da Repórteres Sem Fronteiras, o financiamento chega através do Instituto Republicano Internacional –ligado ao Partido Republicano– e do Centro para umha Cuba Livre (sic), dirigido polo ex-agente da CIA Frank Calzon, dirigente do terrorismo anti-cubano com sede em Miami nos anos em que mais mortes produzia.

> Os seus critérios para a liberdade de imprensa som os da liberdade de empresa como único modelo informativo válido

Sem declarar publicamente qual é a quantia das subvençons recebidas, a Repórteres Sem Fronteiras tem, no entanto, reconhecido abertamente receber dinheiro destas instituiçons. Mesmo, na boca do secretário-geral Robert Ménard, asseguravam que "isso nom representa para nós problema nenhum".

Mas a inegável coincidência entre os objectivos principais das campanhas da organizaçom e os do Departamento de Estado estadounidense tornam-se patentes cada ano, em especial no relativo às Repúblicas de Cuba e Venezuela. A armadilha é singela: os critérios da Repórteres Sem Fronteiras acerca da liberdade de imprensa som os da "democracia" liberal estadounidense; ou, doutra maneira, o da liberdade de empresa como único modelo válido de sistema informativo. Para a RSF, a concentraçom empresarial nom entra em debate. Nem só: a concentraçom empresarial viria a coincidir, nas duvidosas análises da organizaçom, com a maior saúde da liberdade de imprensa. De tal jeito que países em que a indústria informativa é um oligopólio, e em que o discurso único é um facto incontestável, apresentam para estes propagandistas neo-liberais os melhores índices de respeito à liberdade de imprensa. Em contrapartida, quando um Estado em uso da sua soberania formula umha regulamentaçom do sistema comunicacional focado a aumentar a informaçom auto-centrada fronte à dependência dos grupos mediáticos multinacionais e as agências informativas que monopolizam o mercado informativo mundial, entom é que é inimigo do direito de informaçom.

Nom é o objectivo desta peça desvendar as mentiras, meias-verdades e esquecimentos propositados do relatório da Repórteres Sem Fronteiras. A leitora ou leitor críticos bem podem fazê-lo, como exercício de defesa informativa. Aqui fica, como elementos de análise, o que foi dito e mais um dado: a empresa publicitária que realiza as enormes e careiras campanhas da RSF, de balde, é a Saatchi & Saatchi Wolwide, filial da Publicis Group S.A. Esta é a terceira empresa de publicidade europeia e a primeira na França. Portanto, a entrada da Repórteres Sem Fronteiras na agenda mediática europeia está assegurada, seja ou nom merecida. O cliente principal do benfeitor publicitário da RSF é, por acaso, a Armada dos Estados Unidos.

NOTAS DE RODAPÉ

A quem vai servir a nova caixa?

As remessas da emigraçom dos anos 60 converteram a Galiza num país milionário. O crescimento do fundo de reserva das Caixas foi o maior de todo o Estado. A nom tardar, o governo da Ditadura legislou cotas de investimentos de interesse preferente polas quais as áreas de desenvolvimento espanhol expropriavam as contas acumuladas polos acampamentos emigrantes de Nuremberga, Paris, Londres, Genebra, Rotterdam.

Emigrávamos por pobreza, mas a riqueza gerada polo enorme sacrifício emigrante nom podia ser aplicada a nos libertarmos do atraso e a determos a sangria. Os jornais centenários galegos chamavam a esta burla "milagre económico", em todo o caso um milagre que acabava financiando fábricas de conservas agrícolas no Levante espanhol ou umha cimenteira em Múrcia.

Na Galiza nom há onde investir, explicava o governo de Franco, mas um argumento tam miserável virava-se contra a própria Ditadura. Como mal remédio enviárom os famosos "Polos de Desarrollo" que nom desenvolviam nada por falta de financiamento.

O primeiro Governo Autonómico estava na obriga de rectificar a rapina das remessas emigrantes pola Ditadura. Era inadiável a instituiçom de investimentos protegidos para a sobrevivência da estrutura produtiva do País, sobretodo no campo. Que se fijo? O neofranquismo na Junta foi coerente com as suas origens e apostou na fórmula caciquista de manter duas caixas confrontadas para sair beneficiado economicamente da divisom e fomentar o localismo económico como fórmula segura contra o nacionalismo.

O "Fundo de Reestruturaçom Ordenada Bancária" (FROB) vai operar sobre os resultados daquela desajeitada política caciquista que nom fijo senom recrear a expropriaçom das remessas emigrantes da Ditadura. O governo do PSOE justifica umha reconversom forçosa e urgente das Caixas do Estado com o argumento de que a maioria delas carecem de capacidade de financiamento. Servirá de algo lembrar que as caixas galegas sim dispunham de financiamento próprio, malbaratado pola Ditadura e perdida para o País pola Junta neo-franquista?

Os mesmos diários que há anos saudavam o "milagre económico espanhol" reduzem agora a sobrevivência das caixas a um pugilato entre dous caciques. É certo que o FROB representa umha intervençom privatizadora, monetarista e centralista e que vai estar governado por 8 pessoas, cinco delas a proposta do Banco de Espanha. De que maneira poderá umha autonomia progressar no autogoverno (quer dizer: na Democracia) sem entrar em contradiçom essa intervençom centralista do sistema financeiro?

A EXAME

A mobilização social contra a legislação regressiva não é eternamente sustentável, e pode acabar em parálise: é o que espera a direita

A crise da língua e um futuro possível

A OFENSIVA DE FEIJÓO ABRIRÁ NOVOS CAMINHOS PARA A RECUPERAÇOM DA LÍNGUA

CELSO ALVAREZ CÁCCAMO

Na crise sociolinguística atual da Galiza convergem desde há aproximadamente ano e meio vários processos: (1) A evidente perda de falantes e de usos do idioma, refletida, por exemplo nos dados mais recentes do Instituto Galego de Estatística; uma estimativa própria sugere que, a este ritmo, os usos do galego passariam a ser minoritários nuns três ou quatro anos. (2) A legislação regressiva em Política Linguística, com a supressão fulgurante das Galescolas, a eliminação da prova escrita obrigatória em galego para o acesso à função pública, a redução de ajudas à tradução e, de maneira singular, o chamado *Decreto de Plurilingüismo* no sistema educativo não universitário. E (3) um debate público sobre a língua no qual, apesar das aparências de resistência, se pode detectar a cedência do galeguismo perante as formulações minoritárias do españolismo, nomeadamente com a relevância crescente (mesmo para criticá-la) da fantasmagórica noção de "*imposición del gallego*".

Poucos são os elementos aparentemente positivos nesta complexa situação da língua, e, contudo, deveriam analisar-se com extrema cautela. No nível da aquisição da língua, alguns analistas e comentaristas apontam, por exemplo, para uma ligeira "retomada" nas faixas etárias mais jovens. Mas lembremos que os dados são de há alguns anos, e que a aquisição do galego nessas idades teve lugar maioritariamente na escola, âmbito estratégico para a manutenção de falantes ou para a criação de neofalantes decididamente atacado pelo tandem Feijoo/Lorenzo.

Em segundo lugar, aponta-se que o inaceitável Decreto de Lorenzo teve como consequência positiva uma maior consciência e mobilização da cidadania e de instituições de cultura. Argumenta-se que houve uma crítica forte à primeira redação do Decreto até por parte de instituições protegidas como a RAG e o *Consello da Cultura Galega*. Porém, o exame do projeto atual de Decreto arroja que, com efeito, este incorporou muitas sugestões do parecer do CCG. Portanto, as críticas ao atual Decreto deveriam também estar dirigidas a um CCG que, por razão de certas lealdades, jamais desautorizou frontalmente a proposta de Lorenzo.

REUNIOM de Xesús Vázquez e Anxo Lourenzo com representantes d'A Mesa

Também em aparente signo positivo, milhares de professores/as manifestam que continuarão a dar as aulas em galego apesar do que ditar o Decreto. Porém, lembre-se que já o imperfeito decreto do governo bipartido promovera uma documentável galeguização voluntária mesmo em professorado habitualmente espanhol-falante, que acolheu aquela legislação com realismo. Isto é, em termos reais não parece que a habitual dinâmica ação-reação seja mais favorável do que a naturalização crescente do galego com base a uma legislação progressiva. A mobilização social contra a legislação regressiva não é eternamente sustentável, e pode acabar em parálise. Sem dúvida, isto é o que espera a direita, e particularmente um Anxo Lorenzo que fracassou na obtenção do "consenso" social que apregoava.

Em terceiro lugar, pareceria que o contradiscurso galeguista público estaria a ganhar posições nas atitudes e nas consciências, com a criação de várias plataformas e a publicação de vários livros reivindicativos. Porém, decisões erradas (ou deliberadas) deste galeguismo levam a pensar que o seu objetivo é apenas re-situar-se perante o que se vê como uma vitória da direita espanholista. Por sinal, se o alvo da direita é, como tenho assinalado nalguns textos, romper o "contínuo galeguista" que vai desde um setor do próprio PP até ao hegemonismo linguístico soberanista, a questão crucial para os diferentes setores é *onde* se rompe este contínuo, isto é, quem poderia ficar fora de jogo. Assim, desde setores do galeguismo se tem chamado, por exemplo, para a "desnacionalização" e "despolitização" do conflito linguístico, isto é, para uma tentativa de isolar o nacionalismo linguístico centrado no BNG (e no soberanismo à sua esquerda). Mas, por sua parte, as iniciativas de debate e publicações do próprio nacionalismo continuam a excluir sistematicamente numerosas vozes que, desde o hegemonismo linguístico reintegracionista, também levam meses a contribuir criticamente para o debate social. O galeguismo consentido, em lugar de dialogar com estes setores, semelha mais interessado na interlocução com *Galicia Bilingüe*, talvez com a vã ilusão de que o "debate" reforce a sua posição num contexto mediático dominado pela direita españolista.

> O galeguismo consentido prefere falar com *Galicia Bilingüe* a com reintegracionistas

> Grande parte leva aceitando princípios do discurso do "bilinguismo"

Da mesma maneira, desde as primeiras ações pela língua, uma grande parte do galeguismo político e inteletual leva aceitando, por convencimento ou por tática, alvos e princípios do discurso do "bilinguismo" que não deveriam corresponder ao galeguismo (por exemplo, a defesa duma legislação superada, como a *Lei de Normalización Lingüística*, a interpretação favorável da legislação antigalega, como a *Constitución Española*, a preocupação pela competência do estudantado na língua espanhola, ou até a cedência a "debater" o propagandista mito da "*imposición del gallego*"). Em resumo, é evidente que o grosso do galeguismo consentido vai a reboque do discurso españolista, em consonância com uma dinâmica pactista que, iniciada no setor Galaxia, levou o próprio Anxo Lorenzo até ao importante cargo político que agora está a massacrar.

Contudo, há certos elementos positivos de mudança, tanto nos usos quanto nas ideologias linguísticas, que, embora com cautela, não deveríamos desconsiderar. A par com a crise sociolinguística, ou precisamente pelo seu reconhecimento, crescem as iniciativas de capitalização da língua pela via da unidade linguística internacional e das ligações com o resto da lusofonia. O *Manifesto pela Hegemonia Social do Galego* é um ponto de inflexão na quebra de velhas lealdades internas e no estabelecimento de ligações exteriores.

> A construção social da língua deverá acarretar alternâncias geracionais das elites

> Anxo Lorenzo fracassou na obtenção do "consenso" social que apregoava

Além da ampla participação do reintegracionismo nas ações comuns –participação invisibilizada sob as siglas das plataformas–, locais sociais e organizações de base continuam com um trabalho de recuperação que reclama a centralidade da unidade linguística galego-portuguesa-brasileira. E em atividade constante, a Academia Galega da Língua Portuguesa e a Associaçom Galega da Língua, cada uma com o seu papel, estão, por uma parte, a destacar no exterior a posição e a situação crítica da comunidade linguística (a comunidade *comunicativa*) galega, e, por outra, a criar as ferramentas, os materiais e as práticas para naturalizar a língua.

A criatividade e a capacidade de trabalho deste segmento da sociedade civil, desprovido de qualquer fulgor mediático e de sólido apoio económico oficial, são, objetiva e historicamente, enormes. Os setores mais jovens do ativismo cultural estão a assumir o imperativo duma nova fase na construção social da língua, que deverá acarretar não só uma nova conceção geral da forma e do sentido do galego como variedade própria duma língua internacional capitalizada –uma língua chamada portuguesa–, mas também táticas e práticas que levem a um necessário revezamento geracional de elites. Inegavelmente, o galego está em crise, mas da crise poderia surgir uma direção coletiva diferente para a sua recuperação.

PERFIL

"Quando se quer que qualquer processo fique em nada, nom há método mais eficaz do que pô-lo na maos de Garzón"

Baltasar Garzón, o ocaso do impostor

XAN DE CAMORGA / Depois das mascaradas contra Berlusconi, Kissinger, Pinochet, Bin Laden ou Guantánamo, depois da vingança dos GAL e da traiçom da Sogecable, semelha que as últimas andanças de Garzón podem rematar com uma das trajectórias profissionais mais esperpénticas da história judicial espanhola. O seu amago prevaricador contra o franquismo, as cartas solicitando dinheiro do Banco Santander para financiar cursos de direitos humanos e a utilizaçom de métodos ilícitos para investigar a corrupçom do PP pugêrom-no ponto de mira judicial.

Garzón, doutor *honoris causa* pola Audiência Nacional em criminalizaçom da dissidência política, apresenta-se agora como mais umha vítima das estruturas repressivas fascistas –herdeiras do sinistro Tribunal de Ordem Pública franquista– que ajudou a consolidar. O mesmo que fechou jornais porque cheiravam a éuscaro e limpou a Catalunha de lixo arredista para o grande espectáculo olímpico. O mesmo que argalhou processos contra o independentismo com o único guiom das novelas escritas nas cloacas do Estado por polícias corruptos. O mesmo que ignorou sistematicamente denúncias de tortura de centos de detidos.

Nom falta quem no nosso país, aflito da mais descarada miopia histórica e arrogando-se umha representatividade bastarda, saia para a rua em defesa de quem nasceu para encarnar a justiça universal, mas que viveu do *felipismo* mais sanguinário até que viu frustradas as suas ánsias de poder. Empenhados em apresentarem o magistrado como um herói incansável contra a memória silenciada, esquecem que som as vítimas, os seus familiares e amigos que mantenhem aceso o verdadeiro facho desta luita.

Garzón medrara na carreira judicial e na política ao amparo dum PSOE que buscava inzar a judicatura de magistrados afins, como fôrom Margarita Robles ou María Teresa Fernández de la Vega, actual vice-presidenta do Governo espanhol. Nas eleiçons gerais de 1993, umha década depois do seu primeiro posto como juiz, já escoltava Felipe González como número dous nas listas por Madrid. Mas seis meses depois abandonava a política, decepcionado porque Belloch frustrou a sua principal aspiraçom: dirigir o *superministério* do Interior e da Justiça. Pensa que um cargo de secretário de Estado é pouco para ele e regressa à Audiência Nacional. Chega entom o momento de reabrir o caso *GAL* e perseguir os seus excompanheiros como alegados responsáveis pola *guerra suja* contra a ETA praticada polo Estado desde 1983. Mas, isso sim, também nom despejou todas os x da equaçom criminal. A sua ideia da justiça confunde-se assim com motivaçons puramente pessoais que teriam origem na sua desmesurada ambiçom e num anseio de poder quase que doentio.

Farsa contra o franquismo

Nesta ocasiom a farsa *garzonita* vai mais alá ao pretender que os crimes do franquismo podem ser julgados enquanto continuar vigente o que especialistas juristas denominam "sistema de impunidade espanhol". Umha vergonhenta Lei de Amnistia e umha aberrante Lei de Memória Histórica que reconhece a legalidade do governo fascista e que fecha o círculo da infámia. O mesmo governo fascista que a ONU qualificou como tal em 1946 e polo que o Estado espanhol ficou fora deste organismo até a sua posterior lavagem de cara em monarquia parlamentar.

> O franquismo nom pode ser julgado se continuar vigente a Lei de Amnistia

Ainda mais grave é o dano causado às vítimas, o que obriga a desenterrar aquele velho comentário estendido em ambientes judiciais e políticos: quando se quer rebentar um determinado tema, quando se quer que qualquer processo fique em nada, nom há método mais eficaz do que pô-lo nas suas maos. Bem seja por incapacidade profissional, bem por interesses inconfessáveis, o tema enfiará sempre caminhos sem retorno. Aí estám os casos *Nécora*, *Alcalá* ou *Al Kassar*, pantomimas judiciais para maior glória do instrutor em cuja nebulosa se perdêrom os culpados.

O prejuízo aos processos em marcha pode ser em muitos casos irreversível, denunciam especialistas e associaçons de vítimas. A inibiçom do juiz em favor de mais de 60 tribunais territoriais acarreta graves conseqüências: na maioria existem decisons judiciais que encerram este tipo de casos baseando-se na prescriçom dos crimes, violando o direito internacional e recusando o direito ao recurso diante do Tribunal Supremo. Tampouco há advogados formados em direito internacional suficientes para fazerem face com as mínimas garantias à enxurrada processual disposta por Garzón. De novo o "sistema de impunidade espanhol". O magistrado poderia ter feito uso do artigo 304 da 'Ley de Enjuiciamiento Criminal' e remeter as actuaçoms para Supremo, solicitando a nomeaçom dum juiz especial para continuar os inquéritos. Mas entom perderia o protagonismo, a sua dose diária de publicidade. Começa pois com a abertura de valas comuns, obviando que existe um protocolo forense nos casos de crimes contra a humanidade e nom o seguir é o mesmo que destruir provas.

Estafa, suborno, prevaricaçom

A inabilitaçom de Garzón afastaria-o dum retiro dourado na presidência do Tribunal Superior da Andaluzia, descartadas já a presidência da Audiencia Nacional e o Supremo. O início dos factos que podem marcar o seu ocaso remonta a 2006, com a apresentaçom na Audiência Nacional de várias denúncias polos crimes do franquismo. Curiosamente, tal como ocorre noutros casos de alta rendibilidade mediática, fôrom atribuídos ao Tribunal de que é titular, o Número 5.

No início de 2008 o Ministério Público decreta a incompetência e insta ao arquivamento da causa. Meses depois, Garzón profere uma decisom judicial declarando-se competente para investigar, ainda que o inquérito se centre mais em localizar e desenterrar restos das vítimas do que em determinar das responsabilidades penais individuais dos culpados. Ademais, limita a investigaçom unicamente ao período que vai de 1936 a 1952. Depois virá a inibiçom do caso e a denúncia por prevaricaçom na sua contra.

Mas os problemas de Garzón com os tribunais de justiça tenhem outras frontes. O magistrado está a ser investigado também por prevaricaçom, suborno e estafa depois de ter recebido dinheiro do Banco Santander para financiar vários colóquios nos Estados Unidos durante umha 'excedência' profissional. Tempo depois, trás da sua reincorporaçom à Audiência Nacional, Garzón rejeitou umha queixa-crime apresentada contra o presidente da entidade, Emilio Botín, e outros altos cargos.

Existe ainda uma terceira causa aberta contra o juiz, nesta ocasiom por ter ordenado intervir as comunicaçons em prisom entre vários arguidos no caso *Gürtel* e os seus advogados, diligências que fôrom anuladas polo Tribunal Superior de Justiça de Madrid por considerá-las "ilícitas".

CULTURA

Dia das Letras: um mês de normalidade contra onze de invisibilidade e inoperância

ANTIA RODRÍGUEZ / Umha vez ao ano somos conscientes de que temos umha Real Academia da Língua, com académicos e académicas e com um presidente, acabadinho de escolher. Nom é quando aparecem diversas vozes alertando da perda de falantes diária que sofre a língua galega, e também nom é quando os grupos de ódio ao nosso idioma ocupam as primeiras planas nos poucos jornais do País, esparegendo também o veneno entre as suas páginas.

É sempre mediado o ano, quando, via fax, a Real Instituiçom emite um comunicado com o nome da pessoa a quem se lhe há dedicar o ano próximo o Dia das Letras Galegas. Quase sempre apegados a critérios que ultrapassam os lingüísticos ou literários, os académicos juntam-se, fam umha excelsa comida, falam das suas cousas, sentam nas enormes cadeiras de madeira e escolhem um homem, às vezes -as menos-, umha mulher.

A seguir começa a se pôr a andar umha engrenagem enferrujada que leva décadas a dar resultados. As duas editoras do País chamam a aqueles escritores que tenhem de mao e encarregam-lhes, para quase nom dous meses, trabalhos de duascentas páginas em que falem da vida e obra do homenageado. A questom principal é que estejam prontos para um chisco antes de 17 de Maio, já que é preciso tê-los em todas as feiras do livro do País. Depois ainda ficam por explorar as obras do homenageado, por meio da ediçom, re-ediçom e a volta a editar. As palestras, congressos, mesas redondas e homenagens várias há que começar a organizá-las também quanto antes, que se veja bem que somos um "país normal", com a nossa cultura, a nossa língua e as nossas letras próprias, polo menos umha vez ao ano.

No dia em questom, ademais, outros fenómenos sucedem. Os quatro jornais do País fam o descomunal esforço de escreverem a sua primeira plana em galego e editam, coincidindo com a especial data, publicaçons próprias das novas promessas da literatura galega, por um euro mais. É um esforço extra, porque já bem figeram polo idioma organizando aquele concurso de relatos do Verao, enquanto por detrás e às caladas, arranjam-se para lhes porem muito difíceis as cousas aos seus trabalhadores quando querem publicar em galego, além de praticarem outros métodos de afundimento e humillaçom do idioma e dos seus falantes.

> Dizemos que estamos a lembrar tal figura e alugamos um autocarro para meter nel os académicos e passeá-los entre homenagens

E nesta linha de glorificaçom do idioma entram também os docentes, os políticos, os livreiros, os funcionários das câmaras municipais... Damos-lhe um pequeno pulo à indústria literária umha vez ao ano e, enquanto dizemos que estamos a lembrar tal figura ou tal outra, alugamos um mini-autocarro para meter nele a todos os académicos e passeá-los de homenagem em homenagem, como se o país inteiro soubesse por que nom tem que ir trabalhar um 17 de Maio.

Alguns vimos de umha geraçom que mamou desde o colégio os actos do Dia das Letras. Sabemos que o 17 de Maio nom havia aulas porque vínhamos de ler uns poemas e apresentar uns trabalhos sobre a vida e obra de um senhor que levávamos semanas a fazer, graças à Gran Enciclopedia Gallega, do mesmo jeito que sabemos que o 30 de Janeiro é o Dia da Paz, porque soltávamos umhas pombas e cantávamos "Abre la muralla". Mas a maior parte da populaçom nom sabe o que acontece este dia, porque nas suas agendas tem gravado o Sam Roque ou o Carme, mas nom o Dia das Letras. Porque a estratégia de dignificaçom da cultura e do idioma que se lhe ocorreu a Fernández Del Riego aquele 17 de Maio de 1963 converteu-se numha estratégia de mercado e de aparentar sermos "normais". Acai-nos muito bem a frase essa de que o facto de termos umha língua e umha cultura própria "há que celebrá-lo todos os dias", que nom chega com umha efeméride, mas nom temos a certeza toda de que as editoras estejam preparadas para tal cousa, e de que haja discursos suficientes em toda a Academia para defender a diário umha fala que esmorece. Tampouco nos som nada acaídas as verbas do poeta do Courel, que este ano há lembrar até a Junta popular ("Ninguém duvida já da nossa identidade, nem os inimigos da língua própria, que ainda que nom a queiram nem a falem, será sempre o galego. Repito: há cousas que nom as escolhe um, escolheu-nas a história"), porque, ainda que a história a estejamos a fazer nós, muitas vezes semelha que andamos às tentas.

CULTURA EM BREVE

ACORDO ORTOGRÁFICO APLICADO À NORMA DA AGAL

A.R. / A norma da AGAL vai sofrer a primeira modificaçom desde há 21 anos, actualizando-se conforme o Acordo Ortográfico de 1990, assinado polos países de língua oficial portuguesa. Assim o decidiu a Comissom Lingüística da Associaçom em finais do passado mês de Março. O processo de adaptaçom da proposta reintegracionista ao acordo levou nove meses de trabalho. O presidente da Comissom Lingüística, Carlos Garrido, lembrou que quando assumira o cargo já se comprometera a actualizar a normativa.

A principal novidade é a desapariçom do <c> e do <p> nos encontros consonánticos chamados cultos em palavras como proje(c)to ou o(p)timo, que nom som articulados na pronúncia tradicional galega. A norma da AGAL conservará, no entanto, os traços que a particularizam em relaçom à lusitana ou brasileira (-çom, umha, etc.).

A Comissom Lingüística desta associaçom estabeleceu um período de transiçom para a aplicaçom das novidades de seis anos, mas a AGAL começará a incorporar as modificaçons desde o momento em que a 'Atualizaçom' seja publicada. Garrido valorizou a actualizaçom ortográfica como "importante" porque concilia a "necessária adopçom na Galiza do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa", já feito oficial tanto no Brasil como em Portugal. Ademais, a mudança normativa pretende "homogeneizar a prática escrita dos galegos reintegracionistas, pois as pessoas que já optavam por adoptar umha ortografia convergente com a portuguesa vinham usando o Acordo Ortográfico desde há tempo. O presidente da AGAL, Valentim Rodrigues Fagim, salientou que esta ortografia comum também "permitirá ainda chamar a atençom para a pronuncia de palavras que nos meios de difusom social e nas elites galegas som pronunciados via de regra à castelhana".

SAÚDE

A ligação que se estabelece entre os membros de um casal determina o grau de estabilidade, duração e satisfação de uma relação amorosa

Casais: simetria vs. complementaridade

CONCHA RGUES. PERES / Se fizéssemos um inquérito à população geral sobre qual destes modos de relacionamento é o ideal dentro do casal, e a leitora ou leitor pode participar respondendo, antes de continuar a ler, sem dúvida a reposta maioritária seria para a complementaridade.

Isto é devido a que historicamente se tem concebido a relação amorosa como uma relação que complementa a pessoa; isto quer dizer que é como se à pessoa lhe faltasse qualquer cousa quando fica solteira, ou só, e necessita de alguém para ser completa. De fato as pessoas que escolhem permanecer solteiras são sempre questionadas por ficarem sós.

Mas sem ignorarmos que o relacionamento íntimo que se dá no relacionamento amoroso é importante para o bem-estar emocional da maior parte das pessoas; isso não é o que estamos a questionar, o que aqui se discute é o modelo de relacionamento que se estabelece entre os membros do casal, e que podemos classificar dentro de um destes dous modelos:

1.- O modelo de complementaridade é aquele em que os membros do casal encontram na outra pessoa alguém que os complementa, à vez que eles completam a outra pessoa. Isto que nos casos leves tem relativa importância, nos casos mais acentuados, nos que a complementaridade é muito grande, leva às pessoas a se comportarem como sendo dependentes uma da outra; esta dependência é sempre má, porque, mesmo fazendo com

O modelo de relaçom de simetria é mais satisfatório, mas também mais doado de romper

que as relações sejam estáveis, o que aparentemente não é mau quando as pessoas se entendem bem, faz muitas vezes com que as pessoas fiquem presas em relações insatisfatórias, e que à sua vez são dificílimas, ou impossíveis, de romper. Dentro deste modelo encontram-se casais com roles complementares como o de resgatador-resgatado, cuidadora-cuidado... Estes casais frequentemente começam a ser insatisfatórios desde o próprio começo da relação, o que causa um grande sofrimento pessoal nos seus membros ao longo de toda a vida.

2.- Por outro lado temos o modelo de relacionamento simétrico em que as pessoas se assumem com igualdade de poder na relação, e sem assumir responsabilidade polo que a outra pessoa faz ou não faz. Neste modelo trata-se de respeitar o outro como é, com o mesmo direito que nós a fazer bem ou mal as coisas, sem tratar de fazer desse outro alguém 'melhor'. Estas relações são mais igualitárias, e mais fáceis de romper, e também mais satisfatórias, pois as pessoas ficam juntas apenas porque o desejam e não porque o necessitem para se sentirem completas. Quando estas relações acabam, as pessoas não ficam perdidas ou à deriva, como sim acontece no modelo de complementaridade. Chegado este ponto se repetimos a pergunta inicial a resposta talvez fosse muito diferente respeito da preferência de modelo de relacionamento.

Concha Rodrigues Peres é psicoterapeuta e membro da Junta Directiva do Colégio de Psicologia da Galiza.

WEB

O auge do *ebook* acelera o debate sobre o futuro das indústrias, ancoradas num modelo obsoleto de gestom

O livro electrónico abre-se no mercado tecnológico

DAVID CANTO / O livro electrónico vem abrindo-se passo nos últimos anos como umha novidade tecnológica com possibilidades difíceis de delimitar: leitura convencional de novelas, jornais, webs... Porém, a generalizaçom destes aparelhos está a ser lenta e cheia de dúvidas.

Os livros electrónicos actuais contam com a tecnologia de tinta electrónica, a qual permite umha leitura cómoda e sem necessidade de luz. As baterias gozam de umha autonomia com a que poderíamos ler dúzias de livros e os formatos som cada vez mais estilizados e portáveis. Por outra parte, a incorporaçom de leitor de música, ligaçom à Internet e um desenvolvimento similar a um computador incrementam as suas possibilidades notavelmente.

Perante o livro tradicional o livro electrónico goza de vantagens muito claras e fáceis de imaginar na sociedade em que nos movemos: possibilidade de levar vários volumes num só objecto, portabilidade, ecologia, etc. Há que lembrar que 10.000 páginas significam a tala de umha árvore. Mais difícil é encontrar algumha razom de peso para desbotar esta ferramenta. Apenas poderia ser criticada polo seu preço, ao redor dos 200 euros.

Som outros os problemas que figérom que agora mesmo cada sector implicado navegue para destinos divergentes. Os diferentes formatos nem estám unificados nem parece que num breve espaço de tempo o vaiam estar. Outra das problemáticas vem derivada dos planos de governos e sector editorial, reticentes a modelos de comercializaçom que permitam a livre circulaçom dos arquivos de texto. Amazon, principal empresa neste mercado (tanto de títulos como de dispositivos de reproduçom dos mesmos) já apagou remotamente o livro *1984* de George Orwell dos dispositivos Kindle (fabricados pola mesma empresa) umha vez lhe foi banida a sua distribuiçom. Isto dá umha imagem de até que ponto tenhem controlo sobre o uso dos dispositivos, chegando a evitar nalguns casos a partilha de livros, algo tam comum com os livros em formato físico. Estamos pois perante umha repetiçom dos erros cometidos com o resto de produtos culturais, numha obcecaçom continua por submeter as pessoas às regras de jogo das distribuidoras, algo do que o Ministério de Cultura espanhol é principal defensor.

É por todo isto que o livro electrónico, umha ferramenta de incrível utilidade para ensino e ócio nom termina de conseguir o seu lugar. Enquanto empresas como Apple, com o seu novo *iPad* já tem a pleno rendimento a sua caixa registadora após seu lançamento nos EUA. Era necessária a bendiçom de Steve Jobs para que o *ebook* chegasse ao subconsciente da sociedade?

CIÊNCIA

O apagamento analógico incumpre a directiva europeia de TV sem fronteiras

TDT, com ou sem fronteiras

SANTIAGO MORONHO / Vêm-se de apagar as emissons da televisom analógica que começaram a funcionar no ano 1961 desde o monte Pedroso em Compostela. Em 1967 inaugurara-se no país a banda do UHF que acrescentava 49 canais aos onze que já existiam. Isto possibilitaria sintonizarmos esse máximo de oito ou dez programas que permitia a planificaçom técnica dos repetidores para nom se interferirem no velho sistema analógico. Os conteúdos galegos eram mínimos: apenas a TVG e uns espaços nas televisons locais; no resto falavam-nos desde Madrid do que acontece em Sevilha, Burgos ou Valência. Como pouco, tínhamos um 83 por cento da televisom em espanhol e parece ser que estávamos no bilingüismo harmónico, proclamava o Fraga Iribarne.

Um novo sistema

Em princípios da década de noventa, o professor Ulrich Reimers opunha-se ao encaminhamento que se estava a dar desde a burocracia europeia para um novo sistema de televisom. Naquela altura debatiam-se acréscimos como o PAL-plus para umha melhora na qualidade da imagem, o NICAM para o som estereofónico ou os mais inovadores sistemas MAC que misturavam os conceitos digitais com os analógicos. O Reimers levava anos investigando em comunicaçons quando, ocupando o posto de director técnico de umha televisom regional alemã, contacta com os seus colegas e juntam no aeroporto de Frankfurt um pequeno grupo de operadoras, fabricantes e funcionariado para lhe dar pulo a um sistema de maior qualidade, flexibilidade e sem barreiras na diversidade europeia para tirar o melhor proveito do espaço radio-eléctrico. O informe que emitem tocou a classe política em Bruxelas e logra-se premer o 'reset' da história da TV. Nasce assim o sistema chamado DVB que entra hoje nos nossos lares.

Com a tecnologia da TDT estamos a receber o triplo de programas ocupando só seis dos 49 canais da UHF. Agora fica espaço para mais de cem novos serviços: o aproveitamento do recurso que tinha espreitado o amigo saxom. O que nom espreitamos na Galiza é a aplicaçom da directiva europeia da "televisom sem fronteiras" de 1989, nem olhamos por nenhures a aplicaçom da carta europeia das línguas regionais ou minoritárias. A carta foi ratificada polo estado espanhol em 2001 com o compromisso de garantir a recepçom directa das emissons de televisom portuguesa no território galego. Mesmo o Conselho de Europa advertia o estado em 2005 do incumprimento destas políticas em prol das línguas e do nosso país.

A tecnologia é boa, mas quem nos governa nom semelha gostar de a empregar para abrir as fronteiras, e menos para fortalecermos a nossa língua. Com a TDT passamos a ter hoje um 92% da televisom feita em Madrid e falada em espanhol. E parece ser que agora estamos no trilingüismo do Núñez Feijóo. Onde é que se preme o 'reset'?

DESPORTOS

ADEUS À 'COPA GALICIA' DE FUTEBOL

A 'Copa Galicia' de futebol passa à história depois de que a Federaçom e a administraçom nom mostrassem interesse em mantê-la nem antes em promocioná-la. Tratava-se da principal competiçom nacional deste desporto.

ÁLEX VIDAL: PRATA NO CAMPEONATO DO MUNDO

O ribeirense Álex Vidal conseguiu por segunda vez a medalha de prata no Campeonato do Mundo de Parataekwondo. Com umha minusvalia do 70%, obtivo a mesma classificaçom no mundial no ano passado.

Vinho, bilharda, suor e lágrimas!!!

A LNB apresenta-se como um poderoso frente social que promove o desenvolvimento e construçom cultural nacional polo que apoia actividades paralelas de diferente signo

XERMÁN VILUBA / Como vimos afirmando desde há tempo a LNB nom é apenas um compêndio desportivo que emerge da terra com a força dum javali ferido, mas também um poderoso frente social que promove o desenvolvimento e construçom cultural nacional polo que pomos o nosso grao de areia no apoio total e absoluto a actividades paralelas como a *Anha Urbana* que os irmaos de *Projecto Trepia* ponhem a funcionar este mês de Maio em Ponte Vedra. A complexidade de gestom de espaços na zona velha da cidade fijo que nom tenhamos fixado ainda esse tam desejado Aberto de Bilharda na cidade departamental, mas permanecei atentos e atentas à jogada porque a lebre pode saltar em qualquer momento...como saltou na nova ediçom do *Jarro do Salnês* disputado na paróquia de Gil onde o grande *Xan Rodiño* conseguiu a possessom do tam desejado troféu, um triunfo que foi vivido com grande intensidade, mesmo se chegou a impugnar o vencedor por rachar com essa lei nom escrita que marca que cada participante tem que ingerir um mínimo de 4 cuncas de vinho nos furanchos para poderem participar. Vinho, suor e lágrimas é o que já se espreita neste temido tramo final da temporada que coloca a primeira grande meta voante na conferência do Norleste, detrás irám as três restantes, mas atençom às conferências estruturadas já com a competiçom arrancada, falamos da divisom universitária que vai classificar os dous primeiros da tabela e o gérmen da *Conferência Sul-Leste* porque o *Aberto da Repesca* na cidade de Ourense também vai distribuir dous passaportes para a grande final nacional de Congo.... *Alerta guerrilhas!*

Liga Nacional de Bilharda chega à universidade

A bilharda ressurge num marco territorial fundamentalmente vilego e aldeao mas agora, num processo de expansom contínua, chega às cidades. Depois de que praticamente todos os centros sociais a levaram ao seu espaço de referência, agora a LNB chega à Universidade de Santiago de Compostela. O arranque deu-se o dia 21 de Abril, com um encontro no campo de futebol de terra no Campus Sul da capital da Galiza. Dous dias mais tarde, o evento repetiu-se no campus lucense.

Trata-se de convocatórias abertas a qualquer estudante universitária, que pode fazer parte da competiçom inscrevendo-se no blogue do Varal ou na web da USC.

A introduçom na universidade acompanhou-se de outro pequeno fito, a primeira competiçom realizada no ensino médio, e que foi acolhida no liceu de Bezerreá, na comarca dos Ancares.

Galiza e Portugal irmanam-se no remo

Continua o encontro das duas beiras do Minho através do desporto. Em finais do mês de Maio organiza-se umha primeira ediçom do Troféu Interuniversitário Regional de remo, com a participaçom de equipas das universidades da Corunha, Compostela, Vigo, Porto, Trás-os-Montes e Alto Douro.

Este encontro, que recupera os perfis da velha Gallaecia, acolherá o encontro de equipas mistas numha competiçom de sete quilómetros no rio Minho. A modalidade de embarcaçons escolhida é tipo dragom, de grande tradiçom no país vizinho.

O acto é promovido polo Centro de Estudos Euro-Regionais Galiza-Norte de Portugal, que teima em dar continuidade ao encontro transfronteiriço através de um evento desportivo anual.

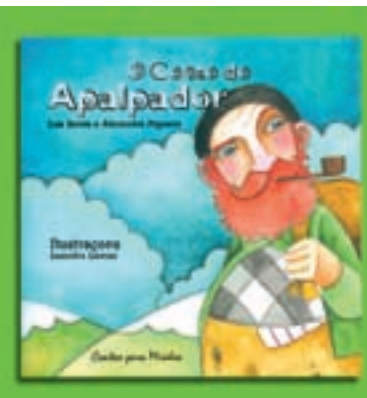
MUITO MAIS QUE IMPRENSA!

VOZES NOVAS

- Escolma do panorama musical de 2009
- 19 bandas galegas. 15 temas inéditos
- 10 € (gastos de envio incluídos)
- Editam: Novas da Galiza e Komunikando.net
- Coordenado por Marcos Payno e com desenhos de Panchez, participam grupos como The Homens, Os 3 Trebóns, Ataque Escampe, Nao ou Galegoz

GUARDA-CHUVAS

- Guarda-chuvas com o logótipo de Novas da Galiza
- Três cores: azul, verde e vermelho escuro
- 6 € (gastos de envio incluídos)



O CONTO DO APALPADOR

- Textos de Lua Sende e Alexandre Miguens
- Ilustraçons de Leandro Lamas
- 15 € (gastos de envio incluídos)
- Editam: Edições da Galiza e A Fenda Editorial
- Cuidada ediçom para crianças que aborda a figura do mítico personagem natalício
- 34 páginas, 12 ilustraçons, tampas duras

Solicita-os em: encomendas@novasgz.com ou no telefone. 692 060 607

COMPETÍROM AS OITO MELHORES TRIPULAÇONS GALEGAS DE CADA CATEGORIA

Os melhores batéis disputárom o Título Nacional na Póvoa do Caraminhal

ISMAEL SABORIDO / Num dos melhores campos de regatas que existem no país para a realizaçom de provas de batéis, estavam presentes as oito melhores tripulaçons de cada categoria (quatro de Ponte Vedra e quatro da Corunha) para disputarem o campeonato nacional de batéis.

Depois de um inverno marcado especialmente polo mal tempo, que obrigou a suspender numerosas regatas do calendário de batéis, no fim-de-semana do 17 e 18 de Abril realizou-se o XXV campeonato galego em águas do porto da Póvoa do Caraminhal, com um mar completamente calmo que facilitou o labor dos remeiros e das remeiras e permitiu ao numeroso público assistente gozar de umha excepcional jornada de remo.

Como sempre, na modalidade de batéis, embarcaçons mais pequenas do remo a banco fixo, está marcado polas categorias inferiores, já que é na única embarcaçom em que podem competir de modo oficial.

Na ediçom deste ano poderia-se destacar a falta de domínio por parte de nenhum dos clubes, onde ninguém ganhou mais de duas regatas e onde até onze clubes diferentes subírom ao pódio nalgumha das sete categorias. Mesmo assim, e como costuma ser habitual, os clubes do sul da Galiza levárom a maior parte dos títulos, deixando unicamente o da categoria Promessas Feminino que foi para o C.R. Ares. Em troques, se tivéssemos que dizer umha ganhadora, possivelmente fosse a S.D. Samertolameu de Meira que se fixo com dous ouros e um bronze. Precisamente, as tripulaçons de S.D. Samertolameu fôrom as que se impugérom nas categorias sénior, tanto na categoria masculina como na feminina, mais nesta última a superioridade das moanhesas foi esmagadora, com quase vinte segundos de vantagem sobre as remeiras de Vigo, que acabárom no segundo lugar.

> Destacou a falta de domínio de nenhum dos clubes: até onze subírom ao pódio nas sete categorias

> Os clubes do sul levárom todos os títulos, salvo o Promessas Feminino que foi para o C.R. Ares

Por outra banda, se tivéssemos que nomear as decepçons deste ano, sem dúvida, deveríamos mencionar os dous clubes de Ogrove. Ambos clubes costumam estar nos pódios, mas na presente ediçom do campeonato galego o C.R. Amegrove apenas alcançou um segundo posto na categoria Promessas Feminina, e o C.R. Mecos nem sequer subiu ao pódio em nenhuma das sete categorias disputadas e só conseguiu meter umha tripulaçom nas finais.

Campeonato estatal

Do campeonato galego de batéis, também saírom os representantes da nossa comunidade para o campeonato estatal que foi realizado em águas da ria de Ferrol no passado 24 e 25 de Abril. As tripulaçons galegas conseguírom 15 medalhas (cinco ouros, cinco pratas e cinco bronzes) das 21 que estavam em jogo. Cabe destacar, ademais, que muitos e muitas das remeiras galegas participárom em representaçom de tripulaçons cántabras, como por exemplo, na tripulaçom sénior masculina de Astillero, que finalmente ganhou o título estatal.

RESULTADOS CAMPEONATO GALEGO

SENIOR FEMININO (2.000 m.)

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	S.D. SAMERTOLAMEU	08:44:88	
2	R.C. NÁUTICO DE VIGO	09:03:03	+0:18:15
3	C.R. CABO DA CRUZ	09:04:83	+0:19:95
4	C.M. BUEU	09:08:56	+0:23:68
5	C.R. A CABANA	09:13:18	+0:28:30

SENIOR MASCULINO (2.000 m)

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	S.D. SAMERTOLAMEU	07:49:73	
2	C.R. CHAPELA	07:54:46	+0:04:73
3	C.R. REMEDIOS DE TIRÁN	07:58:26	+0:08:53
4	C.R. NÁUTICO DE BOIRO	07:58:84	+0:09:11
5	C.R. MECOS	08:03:33	+0:13:60

JUVENIL FEMININO (2.000 m)

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	C.R. ROBALEIRA	09:00:72	
2	C.R. CHAPELA	09:05:86	+0:05:14
3	A.D. ESTEIRANA	09:14:98	+0:14:26
4	C.R. VILAXOÁN	09:15:52	+0:14:80
5	AMEGROVE C.R.	09:25:84	+0:25:12

CADETE MASCULINO (1.500 m)

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	C.R. CHAPELA	06:02:46	
2	C.R. RIANXO	06:04:89	+0:02:43
3	S.D. TIRAN	06:06:98	+0:04:52
4	C.R. ARES	06:08:82	+0:06:36
5	AMEGROVE C.R.	06:08:90	+0:06:44

INFANTIL MASCULINO (1.000 m)

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	C.R. VILAXOÁN	04:08:99	
2	C.R. CABO DA CRUZ	04:18:44	+0:09:45
3	C.R. ARES	04:22:98	+0:13:99
4	S.D. SAMERTOLAMEU	04:24:98	+0:15:99
5	C.R. CHAPELA	04:27:82	+0:18:83

JUVENIL MASCULINO (2.000 m)

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	C.R. VILAXOÁN	08:00:98	
2	C.R. ROBALEIRA	08:10:57	+0:09:59
3	C.R. CHAPELA	08:15:07	+0:14:09
4	C.R. A CABANA	08:17:24	+0:16:26
5	C.R. CABO DA CRUZ	08:26:86	+0:25:88

PROMESSAS FEMININO (1.000 m)

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	C.R. ARES	04:22:89	
2	AMEGROVE C.R.	04:26:56	+0:03:67
3	S.D. SAMERTOLAMEU	04:30:65	+0:07:76
4	A.D. ESTEIRANA	04:30:90	+0:08:01
5	C.R. VILAXOÁN	04:34:65	+0:11:76

TEMPOS LIVRES

ENTRELINHAS UM CREGO "DEMASIADO IDEALISTA" PARA A IGREJA

Valcarce: símbolo para Galiza

OLGA ROMASANTA

No santoral laico da Galiza dissidente um dos postos de honra vai ser sempre para Moncho Valcarce, o "cura de Encrovas", o "Davide justiceiro que lutou contra o Goliath termoeléctrico". A imagem do líder agrário, nunca usurpada do imaginário colectivo, aparecia tamisada nos textos místicos que dele se publicaram até a atualidade, escritos no leito de morte e duma funda religiosidade. *Moncho Valcarce, un símbolo para Galiza. Diarios inéditos e outros textos,* publicado por Trifolium, recupera o outro Moncho, o homem que lutou cotovelo com cotovelo contra a face mais dura do franquismo, antes e depois da morte do caudilho. Para além dos apontamentos biográficos, as fotografias e os artigos sobre a sua trajectória política e religiosa, incluem-se textos inéditos próprios cedidos à "Irmandade Moncho Valcarce", que até o momento permaneceram em caixão privado, quiçá num intento de ocultar a sua face mais rebelde. É nesta segunda parte onde se compreende realmente a transcendência dum dos protagonistas indiscutíveis da Galiza contemporânea: fragmentos como "Diario de Poio" ou "O compromiso político dun presbítero nunha realidade concreta: Galicia" retratam com a emoção de quem o está a viver um dos momentos mais conflituosos da nossa história; conflituoso pela ameaça das grandes empresas que daquela começaram a explorar a Galiza, mas sobretudo pela resposta que o povo dou a estes espólios. Encarcerado por três vezes pela sua implicação política, a obra apresenta um dos referentes de luta dos 70, demonstrando através das suas próprias palavras uma qualidade humana que chega tão longe como a sua convicção de que a terra é de quem a trabalha.

Expulso do seminário por "demasiado idealista", o crego que missava com uma bandeira com a estrela no altar, o líder que movia as massas e repartia panfletos no sítio de estampinhas é o mito que as comunidades precisam para existirem como tal. Um mito tão valioso para restaurar a memória de quem lutou com ele como para dar resposta às agressões de hoje, porque "a luta continua, não só em Lema, senão em toda Galiza, e continuará enquanto as praias e os montes vizinhais estejam nas maõs dos ladrões que nos esmagam". Com certeza, um símbolo para Galiza.

PÉREZ PRIETO, VICTORINO (ed.): *Moncho Valcarce, un símbolo para Galiza. Diarios inéditos e outros textos,* Trifolium, Corunha, 2010.

GASTRONOMIA IDEIAS PARA DAR USO AO QUE O CAMPO OFERECE

Cozinhando com plantas

LUZIA RODRIGUES

Agora que começa o bom tempo, podemos desfrutar mais dos passeios polo campo. Aproveita-os para tentar reconhecer as plantas aromáticas que encontrares caminhando, e se queres, fazer depois umha mini-horta na casa. Planta as ervas em pequenos vasos e assim, além de teres especiarias frescas decorarás a tua cozinha; também podes secá-las e guardá-las em botes para quando queiras cozinhar.

Umha das ervas que mais se usa é o loureiro, que fica perfeito com guisos, legumes, cachelos ou mexilhons (umha ideia: se gostas do sabor do loureiro podes provar a colocar umha folhinha quando fagas o arroz branco). Também se usa muito o ourego, imprescindível para adubar carnes ou aves, ou o tominho, que também podes usar em guisos, molhos e sopas. A salsa (perixel) fresca será um bom ingrediente para molhos polo seu sabor e pola sua cor, como a menta fresca, que dará um toque especial a sumos de frutas e sobremesas.

Para além de cozinhares, podes preparar azeites e vinagres aromatizados; só necessitas umha garrafa com azeite ou vinagre e as ervas de que mais gostes; por exemplo, mistura umhas folhas de loureiro, um pouco de ourego e um alho esmagado. Deixa macerar durante 20 dias e terás o teu azeite aromatizado para saladas, carnes ou o que quigeres. Se gostas dos sabores picantes nom duvides em acrescentar umha malagueta ou pimenta preta. E se depois arranjas umha garrafa bonita, ja terás um bom e original presente para algumha pessoa querida!

SEXUALIDADE EJACULAÇOM PRECOCE

BEATRIZ SANTOS / A primeira dificuldade ao tratarmos este tema é a própria definiçom. Assim, de umha banda, um sexo em aparência nom afectado pola questom porque em geral nom ejacula, mas também porque parece nom conceder importáncia à rapidez orgástica por razons diversas. De outra, a duraçom da cópula: o que dura e o que deveria durar.

As variantes multiplicam-se. Quem situa a penetraçom no ponto de partida estabelece limites entre 30 segundos e 2 minutos, quem considera que o importante som os movimentos durante "o acto" contabiliza entre 3 e 5 contactos pene-vagina ou peneano. Há também quem entende por ejaculaçom precoce incapacidade do homem para pospor o seu orgasmo com independência do tempo e do número de contactos. Nesta linha, do que se fala é de homens que nom som capazes de diferenciar níveis de sensaçons por médio da excitaçom e que portanto nom conseguem pospor o orgasmo próprio o suficiente para conseguir o do seu casal. Inclui-se no saco da precocidade igualmente a ejaculaçom prévia à penetraçom quando há intençom de que esta aconteça.

A Terapia Sexual oferece diversos truques de controlo da ejaculaçom, os mais conhecidos: a técnica da compressom [pressionar a base do glande com dous dedos, o polegar à altura do freio do pene e os dedos indicador e méddio na cara oposta do pene a ambos lados da coroa do glande][1] e a sua variante pressom basilar [a pressom é exercida na base do pene em lugar de sobre o glande][2]. Junto aos "truques" a leitura de se com a aparência de técnicas fisiológicas o que se procura é a mera distracçom da ejaculaçom, qualquer outro distraidor nesse mesmo também funcionaria.

De acrodo, tudo bem...

E se começamos de novo pola *alfabetizaçom erótica?* De outra aprendizagem? E se esquecêssemos a seqüência *conseguir* umha erecçom, *lograr* umha penetraçom, alcançar o orgasmo? Se esquecemos qualquer seqüência? E se fosse a própria cópula polas suas características a que cria ansiedades e medos bastantes generalizados; por que obrigar-se a ela? E se fosse cada homem com a sua respectiva parelha quem através dos seus próprios critérios para julgar o carácter precoce da ejaculaçom? E se fôssemos aos encontros sem nenhumha declaraçom de intençons prévia, com a "simples" ideia de fazermos o que nos apetecer ou nom apetecer sem unhas metas programadas e medidas? E se fôssemos capazes de considerar a ejaculaçom como algo mais, mas nom como principio nem fim? E se a ejaculaçom nom fosse o final senom o principio do encontro? A partir dela o céu?

(1)Masters e Johnson, 1970
(2)Masters e Johnson, 1987

QUE FAZER

18.05.2010 / SEMANA DAS LETRAS: NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE CARVALHO CALERO / Desde as 16:00 na Fac. de Filologia da USC. COMPOSTELA
Organizadas pola Assembleia de Filologia. Palestras de Carlos Figueiras e Carme Blanco.

18.05.2010 / PROJECÇOM DE 'URXA' / 19:00 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
Do ciclo 'Dizemos Galego'.

18.05.2010 / PROJECÇOM DE 'O MUNDO SEGUNDO A MONSANTO' / 20:00 no C.S. Mádia Leva! (Rua Manuel Amor Meilám -antiga Rua do Sol-, 18). LUGO

19.05.2010 / SEMANA DAS LETRAS: NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE CARVALHO CALERO / Desde as 16:00 na Fac. de Filologia da USC. COMPOSTELA
Organizadas pola Assembleia de Filologia. Palestras de Carlos Quiroga e João Guisám Seixas.

19.05.2010 / PROJECÇOM DE 'A ENTREVISTA DE TRABALHO', DE HARUN FAROCKI / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Ciclo 'Trabalho no cinema'. Organizada polo Cineclube de Compostela. VOSG.

20.05.2010 / SEMANA DAS LETRAS: NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE CARVALHO CALERO / Desde as 16:00 na Fac. de Filologia da USC. COMPOSTELA
Organizadas pola Assembleia de Filologia. Recital e exposiçons.

21.05.2010 / DJ SESSOM DE MÚSICA ANTICOMERCIAL / 18:00 no C.S. A Fouce (Praça de Chaviám, Bloco 2, Baixo 5 - Bertamiráns). AMES

21.05.2010 / PALESTRA DE ALEJANDRO FUENTES, CÔNSUL DE CUBA / 20:00 no C.S. A Revira (Rua Gonzalo Gallas, 4). PONTE VEDRA
Encerramento do ciclo 'Sem revoluçom nom há pátria' de Galiza Nova de Ponte Vedra.

21.05.2010 / COLÓQUIO SOBRE O LIVRO 'PINHEIRO E O PINHEIRISMO' DE CARLOS VELASCO / 20:30 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA

21.05.2010 / GRUPO DE ESTUDOS 'ALTERNATIVAS À CRISE' / 21:00 no C.S. Mádia Leva! (Rua Manuel Amor Meilám -antiga Rua do Sol-, 18). LUGO

22.05.2010 / JANTADOR VEGANO / 14:00 no C.S.O. Casa das Atochas (Rua Atocha Alta, 14). CORUNHA
Todos os sábados. Benefícios destinados às pessoas presas.

22.05.2010 / JORNADA CONTRA A EXPLORAÇOM DO SEIXO DA TERRA CHA / 19:00 no Recinto Feiral. MUIMENTA

22.05.2010 / XXVII FESTIVAL DE CERZEDA / Desde as 16:30 na Sala de Aulas de Cultura da Biblioteca. CERZEDA
Pulgas Circus, debate sobre 'Cultura Livre' e concerto de Nao, O Leo i Arremecaghona, Selecta in Helicopta + Gendebeat, Fracasados de Antemano e 12 Labirinto.

22.05.2010 / VII MANGUELO FOLC / Desde as 17:00 em Orazo. A ESTRADA
Charangas e actuaçons toda a tarde, concerto à noite.

22.05.2010 / PECHE DO CICLO 'RECUPERAR A UTOPIA' / 19.00 na Área Panorámica. TUI
Debate sobre 'Educaçom, machismo e sexismo'. Depois, concerto na taberna do Hartza.

22.05.2010 / COLÓQUIO COM LAURA BUGALHO SOBRE 'MULHER E IMIGRAÇOM' / 20:30 no C.S. A Fouce. AMES

22 e 23.05.2010 / ROTEIRO POLA COMARCA XABRESA / Saída às 09:00 da explanada de Fazenda. COMPOSTELA
Mais informaçom em *http://www.verdegaia.org/*.

25.05.2010 / PROJECÇOM DE 'O JOGO DAS MENSAGENS INVISÍVEIS' / 19:00 no Ateneu Ferrolano. FERROL
Do ciclo 'Dizemos Galego'.

26.05.2010 / PROJECÇOM DE 'O DINHEIRO DO CARVOM', DE WANG BING / 21:30 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA
Ciclo 'Trabalho no cinema'. Organizada polo Cineclube de Compostela. VOSG.

26.05.2010 / OBRADOIRO-EXIBIÇOM DE ACROBÁCIAS COM ELODIE E ALEX / 18:00 no C.S. A Fouce. AMES

28.05.2010 / ANÁLISE FEMINISTA DA LEGISLAÇOM PARA A PREVENÇOM DA VIOLÊNCIA DE GÉNERO / 19:00 na Casa das Mulheres (Rua Romil, 20). VIGO
Intervenhem Silvia García e Doris Benegas. Organiza MNG.

28.05.2010 / APRESENTAÇOM DE 'EUFALO.TV' / 20:30 no C.S. Mádia Leva! LUGO

29.05.2010 / XIV JORNADAS INDEPENDENTISTAS GALEGAS / Desde as 11:00 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA
Sobre 'As luitas de libertaçom nacional no centro capitalista'; programa completo em *http://primeiralinha.org/*.

29.05.2010 / REUNIOM ABERTA DE 'O PARTO É NOSSO' / 11:00 no C.S. Maruja Malho (Rua Carril das Hortas). LUGO

29.05.2010 / I CAMPEONATO ALEXANDRE DE FISTERRA DE MATRAQUILHOS / Desde as 14:00. FISTERRA
Organiza a plataforma 'Fisterra. Único fim do caminho'. Há três categorias: de 7 a 12 anos, de 13 a 16 e de 16 em diante.

29.05.2010 / TORNEIO DE MATRAQUILHOS / 18:00 no C.S. A Fouce. AMES
A inscriçom custa 5 € por par.

29.05.2010 / PALESTRA E CEIA COM SANTIAGO VIGO E JOSÉ SANCHES / 20:00 no C.S. Mádia Leva! LUGO

30.05.2010 / ROTEIRO POLA BEIRA DO MINHO / Saída do C.S. Mádia Leva!. LUGO

04.06.2010 / FESTA DO CINECLUBE DE COMPOSTELA / 20:00 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA
Projecçom e concerto de Emilio José, Urro e Los Ruines.

04.06.2010 / GRUPO DE ESTUDOS 'ALTERNATIVAS À CRISE' / 21:00 no C.S. Mádia Leva! LUGO

05.06.2010 / CONCERTO DE VÍCTOR COYOTE / 23:30 no Bar Liceum (Rua Ramón González, 16). PORRINHO

11.06.2010 / CONCERTO DE DONICELAS / 23:30 no Bar Liceum. PORRINHO

12.06.2010 / ROTEIRO POLAS FOSSAS DE ARANGA / Saida de um autocarro. CORUNHA
Mais informaçom no site da Comissom pola Recuperaçom da Memória Histórica da Corunha: *http://www.memoriadacoruna.com/*.

12.06.2010 / REUNIOM ABERTA DE 'O PARTO É NOSSO' / 11:00 no Centro Cívico do Castrilhom (Pça. de Pablo Iglesias). CORUNHA

12.06.2010 / MONÓLOGO DE CARLOS SANTIAGO / 23:30 no Bar Liceum. PORRINHO

COMO ALTERNATIVA À ASCENSOM

Colectivos sociais e culturais organizam à margem das instituiçons as Festas Populares

Diferentes colectivos e associaçons culturais, vicinais e populares, ademais de algumhas salas e bares, decidírom unir-se em Compostela para elaborarem umha programaçom conjunta que enche o mês de Maio de actividades alternativas às das festas da Ascensom.

Bares como o 13, a Casa das Crechas, o Malas Pécoras ou as Duas, associaçons culturais como a Gentalha do Pichel, AGAL, Ítaca ou a Mantixola, agrupaçons vicinais como As Marias ou a do bairro de Sam Pedro, a Sala Nasa, o grupo Os Estalotes, som algumhas das entidades que organizam actividades nestas Festas Populares. Concertos, jantares, charlas, teatro, cinema, jogos, obradoiros e muitas mais actividades por todos os bairros da cidade, em todos os horários e para todos os gostos e públicos. A programaçom completa encontra-se nos bares associados à iniciativa, nas páginas web dos diferentes colectivos e no blogue da Gentalha do Pichel: *http://agal-gz.org/gentalha/*.

CERTAME DO 19 AO 23 DE MAIO

Os títeres invadem Redondela

O Festival Internacional de Títeres de Redondela (Memorial Juanjo Amoedo) chega em 2010 à sua XI ediçom com um amplo programa de actividades de rua e de sala que se vam desenvolver entre os dias 19 e 23 de Maio.

Companhias e grupos musicais galegos, cataláns, franceses, brasileiros ou belgas enchem da manhá à noite as praças e jardins de Redondela.

Pode-se consutar mais polo miúdo o programa na página *http://www.festivaltiteresredondela.com/*.

CINEMA

VII ano de agroglamour em Cans

A paróquia de Cans, situada entre Ponte Areias e o Porrinho, acolhe por sétimo ano o seu festival de cinema. Este certame conta, entre outras particularidades, com projecçons em galpons e galinheiros e passeios em tractor para os e as artistas.

Ademais de filmes, curtas-metragens e videoclips, podem-se ver concertos e outras actividades de rua.

O programa completo está em *http://www.festivaldecans.com/*.

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 630 775 820 | Publicidade: 692 060 607 | info@novasgz.com

CONCHA LIMIA, VOZ GALEGA DA RÁDIO PIRENAICA

"A primeira greve geral da Suíça após 35 anos de 'paz social' foi protagonizada polos galegos da construçom"

C.C.V. / A trajectória militante de Concha Limia é excepcional: como se tivesse o dom da ubiquidade, estivo sempre no lugar exacto à hora exacta: na Argentina com o Ché, no Dia da Pátria de 1968, na primeira greve geral de Suíça em 35 anos... É conhecida sobretodo por ser a voz galega da Rádio Pirenaica, a emissora anti-franquista que sobrevoava as fronteiras do franquismo para alimentar a esperança na Galiza interior.

De menina marchaste para Buenos Aires. Conta-nos como te politizaste.

Quando estava na primária tentárom aprovar umha lei de ensino religioso obrigatório na escolas argentinas. Ajudávamos ao estudantado de secundária que protestava e conseguimos vencer. Influiu-me muito umha prima, militante socialista. Levava-me às conferências (lembro umha de Sánchez Albornoz, presidente da República no exílio), a todas partes. Um par de anos depois entrei a militar nas Juventudes Comunistas da Argentina. Assim conhecim o Ché Guevara em Córdoba, durante um acampamento de formaçom guerrilheira. Quando a Primavera de Praga deixei as Juventudes. Além disto, sempre mantivem muita relaçom com a colectividade galega, sobretodo o Centro de Betanços, que era o mais democrático.

Quando voltaste para a Galiza?

Vim a meados dos sessenta. Estivem no Dia da Pátria de 1968, o primeiro do franquismo, que acabou com cargas policiais. Quando fora o conflito de Castrelo de Minho três anos antes, em Buenos Aires falava-se muito do tema, depois conheceria gente que luitou aí. Meu pai é da zona do Ribeiro, e falava-me de como eram aquelas terras antes de que as destruíssem.

O teu seguinte destino foi Suíça.

Fum a Genebra quando o Partido Comunista Galego estava para se constituir. Ali tínhamos umha associaçom cultural de emigrantes galegos, luitávamos pola língua e a cultura galega, e também pola dignificaçom dos emigrantes. Chegavam em trens como se fossem mercadorias e tratavam-nos como gado. Participei como activista na primeira greve geral que houvo na Suíça após 35 anos de 'paz social', protagonizada polos galegos que trabalhavam na construçom. Daquela eu já colaborava no vozeiro do PCG, e enviava artigos à Rádio Pirenaica. Nessa época, dentro da Organizaçom Internacional do Trabalho, fum a Bulgária com outros dous camaradas porque se estava a levar umha campanha internacional para condenar Espanha pola repressom que se vivia.

Qual foi o teu papel no Partido Comunista Galego?

Nos anos 70 volto ao interior, e sou responsável de organizaçom na província de Ourense. Era a época da luita campesina contra os tributos. Eu ia às feiras e aproveitava para contactar com os camaradas. Em Ourense ficava o substrato do comunismo de préguerra. Meus pais falaram-me dos mortos nos caminhos, dos fugidos... Lembro as luitas do ano 72 em Ferrol, as do naval em Vigo; foram mui seguidas pola Pirenaica, com gravaçons em directo dos acontecimentos. Foi mui importante a divulgaçom que figemos do pensamento de Castelao; através do Ateneu de Ourense editamos e repartimos mais de 100.000 livrinhos de umha escolma: à porta das fábricas, nos talheres, nas aldeias... Hoje seria impensável

Como foi a tua entrada na Rádio Pirenaica?

O PCG mais eu decidimos que era bom que eu fosse à Rádio Pirenaica, para levar o programa dedicado à Galiza "Dende Ribadeu a Tui". Já nos anos cinquenta Santiago Álvares tinha um programa em galego, e na II Guerra Mundial, quando a rádio estava nas estepes russas, Líster pugera o hino galego. Quando fum à rádio estava no centro de Bucareste. Foi umha época mui bonita e mui triste, porque estávamos envolvidos na nostalgia do retorno. Estando no exterior tés sentimentos encontrados, estranhos, como quando conhecim a Ramón Mercader na Casa de Espanha em Moscovo... Estava diante dum assassino, mas era um homem que actuou convencido de que cumpria com o dever. Todos tinham ganhas de voltar. Ao tratar eu especialmente o tema campesino viajei polas colectividades agrárias da URSS. Conhecim também a Yaser Arafat em Tunes. O último programa da rádio foi no dia que a Pasionaria presidiu o Congresso. Houvo momentos duros: lembro os velhos militantes comunistas a chorarem quando o PC aceitou a bandeira monárquica. O próprio Ceaucescu, com o que eu nom simpatizava, veu despedir-nos.

Além do galego, também tratavas temas feministas.

Eu creio que a luita mais negada polos comunistas é a da mulher. As mulheres politizadas sempre fôrom relegadas, eram elas as que tinham que atender as necessidades imediatas: cuidar as crianças, que houvesse de comer... Seria interessante fazer um estudo sociológico sobre as mulheres de dirigentes, porque umha percentagem mui alta rompeu com o seu matrimónio. Foi mui importante o Movimento Democrático de Mulheres, pioneiro do feminismo galego, que já iniciaram umhas companheiras antes de chegar eu a Ourense. Dele surgírom as diferentes correntes do movimento feminista.

Xan Carlos Ánsia

BEIRAS: VAI-TE JÁ DO BNG

Nem liberdade de expressom, nem farrapos de gaitas. Para que aguentar as boutades de um sansculotte ilustrado. Nem cola cartazes, nem passa com o megafone, nem vai as manifestaçons que manda a Santa Executiva Nacional. As provas som evidentes. Nom te vim nas ruas de Compostela ao par de Quintana ou Suárez Canal, a reclamar mais Consórcio, mais Sogaserso e mais Seaga. Exemplos da administraçom que fazemos quando governamos. Desigualdade de oportunidades para entrar, contratos em precário para subsistir e despedimentos improcedentes para sair.

Claro que tampouco estiveche mui presente quando exigimos a fusom das caixas. Nisto, sim que nom tés perdom. Que saberás tu de economia, operaçons financeiras ou da actual crise sistémica. *Rien de rien.* Nada comparado com os assessores de Guillerme Vázquez para estes assuntos. Já agora, assessores dos que podes tomar boas liçons nas páginas de La Voz de Galicia.

Ainda dói mais que ponhas em questom o nosso grupo parlamentar. Demasiado domesticado e contemporizador, seica andas a dizer. Acaso alguém desconhece o labor dos quatro deputados nacionalistas… ou som cinco. Com um porta-voz de educaçom palaciana nas elites universitárias corunhesistas e com o resto do grupo deixando passar o tempo até a confeiçom das seguintes listas eleitorais e que as bases os voltem escolher, a algum por enésima vez, para continuar a cansada luita parlamentar do *laisser faire.*

Também é para recriminar-che o teu papel condescendente com os independentistas marginais, o teu aparecimento público em actos de Galiza nom se Vende, o teu altermundismo (isto deve ser mui mau segundo deixou escrito Paco Rodríguez), a tua defesa do voto emigrante, e a tua assinatura em protestos, manifestos ou apoios solidários em causas nom referendadas oficialmente por, tu já sabes bem quem. Ou acaso tinhas o visto e prace para assinar em todas esses enredos de baixo perfil eleitoral.

Menos mal que parece que já deixache de ser pesado com isso de fazer assembleias nacionais abertas e feitas quando toca cumprir com o que mandam os estatutos. Agora dedicas-te a montar palestras com os que pensam que outra forma de actuaçom do nacionalismo é possível. Umha rama esquerda enxertada de *liberté, fraternité, égalité. A bientôt.*